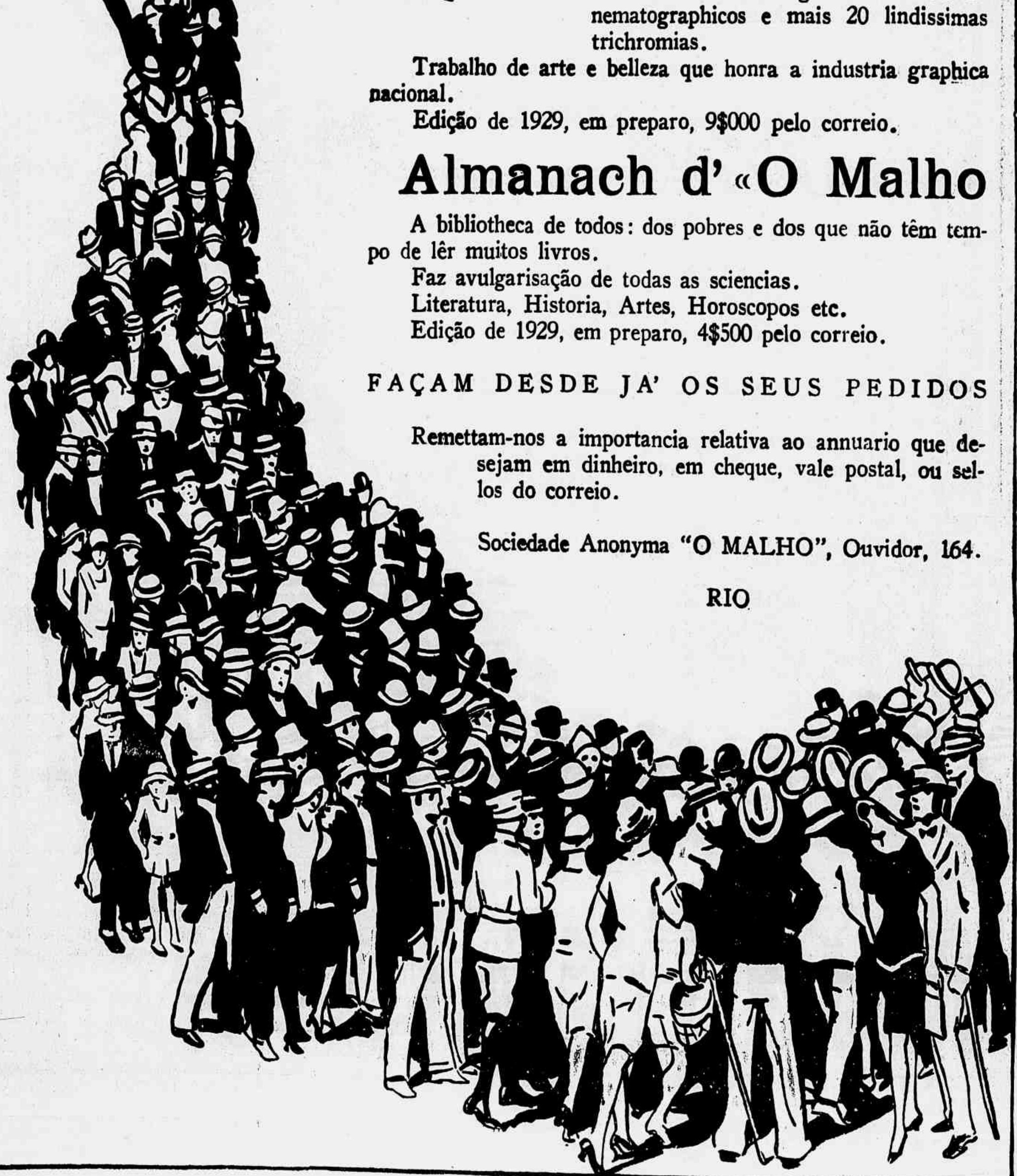
DESENHO REGISTRADO

Visitem a linda Exposição na
Casa GRANADO & Cia.

1928 CINEARTE ALBUM
ALMANACH DO O MALHO 1928
ALMANACH DO "O TICO TICO 1928
TRES GRANDES ANNUARIOS
ALMANACH
d'«O Tico-Tico»
Uma publicação instructiva e recreativa que a todas as creanças causa a maior alegria.
Magnificos contos, ricas e coloridas paginas de jogos infantis e de armar, além de muitos outros assumptos suggestivos.
Edição de 1929, em preparo, 5$500 pelo correio.
CINEARTE
ALBUM
Luxuosissima collecção de retratos a côres de todos os grandes artistas cinematographicos e mais 20 lindissimas trichromias.
Trabalho de arte e belleza que honra a industria graphica nacional.
Edição de 1929, em preparo, 9$000 pelo correio.
Almanach d'«O Malho
A bibliotheca de todos: dos pobres e dos que não têm tempo de lêr muitos livros.
Faz avulgarisação de todas as sciencias.
Literatura, Historia, Artes, Horoscopos etc.
Edição de 1929, em preparo, 4$500 pelo correio.
FAÇAM DESDE JA' OS SEUS PEDIDOS
Remettam-nos a importancia relativa ao annuario que desejam em dinheiro, em cheque, vale postal, ou sellos do correio.
Sociedade Anonyma "O MALHO", Ouvidor, 164.
RIO

O UNICO PÓ DE ARROZ

Em cada caixa um finissimo

"ROUGE"

V. S. póde filmar sem conhecimentos especiaes com a

MOTOCAMERA

Pathé-Baby

Manejo facillimo

Vende-se em 10 prestações

R. RODRIGO SILVA 36 — RIO

BRASIL PUBLICIDADE

ADEUS RUGAS!

3.000 dollares de premios se ellas não desapparecerem

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"...

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam.

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: R. do Carmo n. 11-Sob. Caixa, 1379

— S. PAULO —

COUPON

SRS. ALVIM & FREITAS, Caixa 1379 — S. Paulo
Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de Rs. 15$000, afim de que me seja enviado pelo correio um póte de RUGOL:

RUA .. ..

CIDADE .. ..

ESTADO .. ..

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

BAHIA — Alice Moniz, Edgard Junior, Bill Hart, (S. Salvador).

PARANA' — Consuelo F. Pereira, Assib Zacharias, Waldemar R. Trombini, (Curityba).

SANTA CATHARINA — Patrocinia Duarte, (Florianopolis); João M. Carpes, (Laguna).

RIO GRANDE DO SUL — Adelaide C. Leite, Julietinha Jardim, Arno Schneider, Antonio C. Torres, Floriano Pohlmann, (Porto Alegre); Lygia Ferreira (Pelotas); Genny Corrêa, (S. Gabriel); Elo S. Lopes, (Santiago do Boqueirão); Alma Prade, (S. Cruz); Hilda Schroder, (Villa S. Lourenço).

PORTUGAL — Eduardo A. Fernandes, (Lisbôa).

Chegaram ainda em tempo as soluções de: Maria de L. Andrade, Darcy D. Marques e Geraldo Fontana.

Foi contemplada: Dona Lygia Ferreira. — Rua Marechal Floriano, 113 — Pelotas — Rio Grande do Sul.

CINEPHOTO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA
Revista mensal de literatura, arte e alto mundanismo, publicando em cada edição quatro reproducções de télas de pintores consagrados.

BELLEZA
Cinearte-Album
teve suas EDIÇÕES ESGOTADAS EM 5 ANNOS SEGUIDOS, por ser a mais luxuosa e artistica publicação annual cinematographica do Brasil.
ESTÁ SENDO ORGANIZADA A EDIÇÃO DE 1929, COM CENTENAS DE RETRATOS DE ARTISTAS DOS DOIS SEXOS E MAIS 20 DESLUMBRANTES TRICHROMIAS!
FAÇA DESDE JA O PEDIDO do seu exemplar desta luxuosissima publicação, enviando-nos 9$000 em carta registrada, em vale postal, em cheque ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"
RUA DO OUVIDOR, 164 — RIO
ARTE

LEITURA dos ultimos jornaes e revistas norte-americanos nos mostra que vae pouco a pouco se dissipando o prompto, facil, exaggerado enthusiasmo despertado pelos films falantes.

Uma série de insuccessos que não conseguiu remover a perfeição technica do apparelhamento especial em qualquer dos processos utilisados, se não levou ao desanimo o productor serviu ao menos para apagar em grande parte as illusões sobre o futuro triumphante do film falado.

Continuamos a manter a nossa opinião: o film intermedio entre o mudo e o falante, o film musicado, desde que a reproducção da voz e dos sons seja perfeita, será acolhido com favor.

E' mistér verificar entretanto se as vantagens que elle offerece compensarão as despezas com a acquisição de apparelhos especiaes para a sua transmissão.

Parece-nos que mesmo triumphante o film musicado será por muitos annos entre nós privilegio dos grandes centros de povoação como ainda hoje acontece com as emprezas lyricas.

Um modesto Cinema de terra pequena não poderá arcar com as despezas de uma installação dupla e mais com os preços, necessariamente caros dos films musicados.

O radio têm feito muito pela educação musical em todo o mundo, das classes de finanças menos folgadas.

O film musicado poderá completar essa educação permittindo a audição de operas inteiras, popularisando o espectaculo lyrico até aqui accessivel apenas aos mimosos da sorte.

Se isso fôr conseguido, se uma das grandes emprezas productoras explorar esse campo tão fertil e perfeita que seja a reproducção da voz como acontece nas modernas machinas orthophonicas, póde ser garantido o successo para taes films que terão sempre publico.

E haverá competencia entre os productores na escolha dos interpretes.

E teremos films de 1ª, 2ª e 3ª classes, a preços exaggerados, a preços commodos, a preços populares.

Um vasto campo se abre á Italia agora com o film musicado.

Sua organização musical permittir-lhe-á voltar ao campo da producção com possibilidades novas, e quasi pode-se dizer, previo triumpho garantido.

GRETA GARBO...

:as productoras explorar esse campo tão
perfeita que seja a reproducção da voz
acontece nas modernas machinas ortho-
as, póde ser garantido o successo para
ms que terão sempre publico.
haverá competencia entre os producto-
escolha dos interpretes.
teremos films de 1ª, 2ª e 3ª classes, a
exaggerados, a preços commodos, a
populares.
n vasto campo se abre á Italia agora com
musicado.
ıa organização musical permittir-lhe-á
ao campo da producção com possibilida-
vas, e quasi pode-se dizer, previo trium-
rantido.

GRETA GARBO . . .

O campo das conjecturas é vasto.

O que, porém, está difficultando o film fa-
lado é a difficuldade de encontrar bons artistas
de nome feito em Cinema que tenham ao mes-
mo tempo um orgão vocal harmonioso.

Ainda bem recentemente se verificou um
exemplo entre nós. Com a passagem do film
"RAMONA", appareceram discos com a fa-
mosa valsa cantada pela "soprano" Dolores
Del Rio.

Santo Deus que desillusão para os seus ad-
miradores!

Uma voz mascula, desagradavel, "nassi-
larde", cantora de cabaret de 4ª ordem; arte
nem uma, uma das peores cousas que já ouvi-
mos em voz de tiple (?).

O film falado servirá para fazer sahir logo
nas primeiras scenas ao espectador que antipa-
thisar-se com a voz de algum artista.

Por que não ha cousa mais desagradavel
do que ouvir durante uma hora uma voz anti-
pathica...

As noticias que nos vêm dos Estados Unidos
alludem a esses obices que vem encontrando a
"revolução cinematographica" que aqui entre
nós, "pour épater le bourgeois", se andou pin-
tando como triumphante.

Vamos devagarinho.

Não se trata de revolução e sim de evo-
lução.

E a evolução tem que ser lenta com aper-
feiçoamentos e innovações introduzidas dia a
dia e aconselhadas pela pratica.

Uma "revolução que extinguisse o "velho
regimen" para sobre elle edificar o novo, seria
a ruina do cinematographo, ao passo que a evo-
lução lenta, graduada, progressiva consagrará o
seu melhor triumpho.

De qualquer maneira aquietem-se os nos-
sos exhibidores. Muito tempo ha de passar
ainda sem que os seus capitaes sejam obrigados
a entrar em actividade para trasformar os
estabelecimentos actuaes em salões de audição
cinematographica.

(Termina no fim do numero)

JEAN ARTHUR

MARTHA SLEEPER

ALICE WHITE . . .

LINA MALINA

Um pequeno film de Luiz Sorôa

(POR PEDRO LIMA)

LUIZ SORÔA ENTROU PARA O CINEMA POR FRIVOLIDADE, MAS ESTA FRIVOLIDADE TORNOU-SE SACRIFICIO E PORQUE O COMPREHENDEMOS BEM, ADMIRAMOS A SUA DEDICAÇÃO PELA CAUSA DO CINEMA BRASILEIRO. AQUI E' UMA SCENA DE "BRAZA DORMIDA" COM NITA NEY.

Local: — Studio da Benedetti.

Ambiente: — Um jardim onde se filmava uma scena de "Barro Humano".

Epoca: — Principios de 1928.

Personagens: — Gracia Morena, Lelita Rosa e todo "unit" da Benedetti Film.

Long-shot: — Preparativos de filmagem.

Detalhe: — Passos no jardim. Pés de rapaz, botinas de verniz, polainas...

A "Camera" sobe, ao mesmo tempo que se afasta, mostrando toda a figura elegante de um rapaz seguido por um velho assim á Cortes Real.

Escurece. Clarea. Terminada a scena, Paulo Benedetti vae ao encontro dos dois, julgando-os jornalistas ou visitas. Mas não eram nem uma cousa, nem outra.

O mais joven delles, vinha recommendado por Humberto Mauro fazer um "test" para a escolha do protagonista de "Braza Dormida".

Foi conduzido ao camarim do Studio, onde o "make-up expert" transformou-o rapidamente com o "grise-paintt, "battons" e tudo necessario para enfrentar o olho severo da "camera".

Mesmo exterior:

Long-shot" — do candidato em diversas posições.

Meio plano — em poses variadas.

"Close-up" — em todos os angulos.

Prompto o "test.

Camera-escura, manipulação de laboratorio, copiador, laboratorio, seccagem, projecção. Emballagem, trem de ferro, mensageiro, Cataguazes Phebo Brasil Film, technicos da empreza, machina de projecção, téla, escuridão, passagem do film, commentarios. Tudo isto em fusões rapidas.

E continua: — Publicidade, lino-typos, rotophoto, "Cinearte".

Sub-Titulo:

"A Phebo Brasil Film já escolheu o galã da sua proxima producção".

Estava lançado o novo artista.

Na verdade, levamos ainda uma tarde inteira em nossa redacção, escolhendo um nome para elle. E no emtanto Sorôa tem mais nomes do que qualquer um de nós. A difficuldade estava justamente em escolher entre os quinze de sua rubrica, dois apenas que fossem euphonicos.

Hayden Stevenson, numa occasião destas, teria perguntado se vocês, teriam escolhido melhor entre estes de Luiz Pedro Miguel Jorge Olegario Vicente de Sorôa Garcia Goyana Canovas y Rodrigo de Agramonte.

Não pensem em que elle tenha por isso, um titulo de nobreza, ou seja rei de uma dessas ilhas, onde uma joven heroina caprichosa sempre ama o heroe que a salvou de um naufragio... Nada disto. Simplesmente questão de habito dos descendentes de Hespanha, que dão aos seus primogenitos o nome de pae, mãe, avô, avó, padrinhos, e mais o do papagaio ás vezes.

Assim é que apezar de seu nome, Luiz Sorôa nasceu aqui mesmo no Rio de Janeiro, á 28 de Junho de 1906.

Conhece varios paizes da Europa, fala o francez e hespanhol...

A sua carreira começou como agente de cambio. Depois bacharelou-se na Academia de Commercio e dedicava-se ao estudo das leis, quando a vocação artistica mudou toda a sua carreira.

Agora, como estamos na época dos films falados, não é desinteressante ouvir-se Sorôa dizer porque fez isso:

"Comecei gostando de Cinema por frivolidade, creançada minha. Desejava ser popular, ter retratos nas revistas, celebrisar-me, tornarme admirado pelas moças... amal-as todas, sem ter preferencia por nenhuma".

Mas em Cataguazes tudo mudou:

"Quando vi de perto o esforço sincero dos que lutam pelo nosso Cinema, comecei por sentir seria influencia e acabei me identificando com elles, enthusiasmando- me com o meu trabalho, tornando-me eu proprio, um sincero "fan" das nossas possibilidades.

Antes assim. Do contrario seria bem grande a minha decepcão. Não basta a publicidade para fazer um idolo... e mesmo eu hoje não quero mais ser um idolo.

Meu maior desejo é que todos julguem meu trabalho como um esforço, e me ajudem a vencer na minha carreira artistica, que julgo

(Termina no fim do numero)

GLORIFYING THE BRAZILIAN GIRL. — Gracia... pequena como uma virtude... linda como um desejo...perigosa como um beijo... Ella é a menina que a gente encontra na rua, e volta-se para olhal-a, e para, e fica esquecido de tudo, a contemplar aquella silhueta fina e nervosa como uma barbatana. Ella reune em si, o fogo de Lupe Velez, a sensualidade de Dolores Del Rio, a graça de Clara Bow e á fascinação de Lya de Putti. Gracia... minha tentação morena... "veneno que faz tanto bem é contem tanto mal"... deixe me olhar os seus olhos de velludo... deixe-me sorrir ao seu sorriso de seda... Gracia... mulher malvada que rouba o marido da sua melhor amiga... pomo da discordia... vampiro nacional... Salomé do Brasil... Gracia... noites mysteriosas de amor na Italia... dansa das ciganas... perfume de peccado...

Gracia Morena!!! Eu gosto muito de Gracia! Porque eu sei que é ella que vae elevar num pedestal de gloria, a raça brasileira forte, bella e altiva! E' porque eu sei que ella vae mostrar ao mundo inteiro a arte de um povo novo, grande e nobre! — *MYSTÉRE.*

Pagina dos Leitores

Sr. Operador:

Saudações. — Tive opportunidade de assistir aqui, antes mesmo de exhibir-se no Rio, o film "A alma de uma nação". E' um lindo drama. Faz-nos lembrar aquellas antigas "jewels" que a Universal fazia antigamente e que, infelizmente... não nos tem dado mais.

Eduardo Sloman tem, nesta, a meu ver, a sua melhor direcção. E' um film profundamente humano e que fala directamente ao coração de todos aquelles que abandonam por qualquer motivo o velho torrão natal. Eu que sou filho de estrangeiros e nasci no Brasil é que posso dizer se tudo aquillo é verdade...

Como é natural o desespero dos 3 "velhos" não se conformando com a tendencia modernista assimilada por seus filhos, achando justo que os mesmos amassem e se adaptassem á nova patria de adopção, mas desejando, intimamente, que elles gostassem um pouco mais da patria delles...

George Sidney, no papel do velho Levine tem as honras do film com uma interpretação admiravel, seguido de perto pela artista que faz o papel de sua esposa e cujo nome não me lembra agora. Vem depois Patsy Ruth Miller num desempenho muito sincero. Patsy! Como a Universal sabe fazel-a linda!

Eduardo Sloman merece um "shake hands" pelo seu magnifico trabalho, muito superior a "Não renegues teu Sangue", pois este é completamente isento de "hokum", sendo todo o seu desenrolar um primor de technica e um milagre dé observação; os typos estão admiravelmente estudados: aquelle "italiano" é um "numero" e o "allemão" nem de encommenda... A sequencia em que Patsy abandona a casa paterna é linda e assim tambem a outra em que ella diz estarem seus paes vivendo 50 annos fora de sua época. O final com a morte de um dos filhos e a volta de outro aleijado é soberbo de verdade. Seria o cumulo se tudo ali acabasse bem; na vida ha de tudo e os films devem antes de tudo reflectil-a tal qual é.

Emfim "We Americans" é uma pellicula que deixará no coração de todos os "fans" uma recordação inapagavel.

Do leitor amigo — *J. S.*

Juiz de Fóra

Caro Sr. Operador:

Cordeaes Saudações. — Já a algum tempo que venho acompanhando as suas Secções em *Cinearte* as quaes são muito interessantes, sendo que a que mais aprecio é a Secção de cartas ou a "Pagina dos Leitores", para a qual tambem desejo collaborar.

Desejo apenas enviar-lhe noticias sobre o desenvolvimento da setima arte em minha cidade.

Primeiramente vou lhe dar algumas informações sobre os Cinemas existentes nesta cidade. Actualmente temos duas Emprezas Cinematographicas, as quaes são: Silva & Cia., proprietaria dos Cinemas "Floriano" e "Odeon", e F. Cesar Pinto, proprietario dos Cinemas "Capitolio" e "Delicia", sendo que, as Emprezas acima são rivaes.

Agora vou descrever os Cinemas acima:

CINE THEATRO FLORIANO — Este é um bom Cinema, calculo em 500 o numero de cadeiras, muito bem ventilado, tem boa sala de espera com optimo Jazz-Band, sendo muito pequena para o tamanho do Cinema, existe palco para Theatro, boa machina de projecção e illuminação propria.

CINEMA ODEON — E' Cinema para "sertão", tem cerca de 200 cadeiras, (pessimas), projecção escura. Musica: um piano e um violino, que fazem mal aos ouvidos, quasi sempre tocam uma só musica no decorrer de um film.

Não ha um ventilador para amostra. E' uma pessima casa.

Estes dois Cinemas exhibem United Artists, Metro-Goldwyn, Fox, Programma Serrador e outros.

CINEMA CAPITOLIO — Este é um Cinema de 300 cadeiras mais ou menos, são optimas.. A projecção é bôa, a musica é regular, boa sala de espera, actualmente sem musica, illuminação propria e muito bem ventilado. E' um optimo Cinema.

CINE THEATRO DELICIA — Segunda linha do Capitolio, é o unico Cinema que tem tres secções de logares, Cadeiras, Galerias e Geraes, perfazendo um total de 300 mais ou menos, boa projecção, muito bem ventilado, cadeiras regulares, (só tem o defeito de serem muito juntas), é superior em tudo ao Cinema Odeon, somente a musica é igual.

Estes Cinemas exhibem Paramount, Programma Urania, Universal, Producers Distributing Corporation e outras de pequena importancia.

Agora tenho um assumpto de importancia para perguntar-lhe: Porque será que aqui se exhibe quasi todas as producções estrangeiras, "menos as que são feitas em nosso paiz?" Se no decorrer destes ultimos seis annos, passaram meia duzia de films brasileiros, foi muito.

Sem mais, acceite um abraço deste seu amigo — *SAINT-UBES.*

Maceió.

ERNANI, DE CAMPOS, GOSTA DE "CINEARTE" E ADMIRA MAXIMO SERRANO.

LEITORAS DE "CINEARTE" EM CAMPINAS.

"CINEMA BRASILEIRO"

Como progride o Cinema,
Em nosso caro Brasil!
Já temos Thamar Moema,
Estrella bella e gentil!

Reynaldo e Gracia Morena,
Que casal maravilhoso!
Ella, que linda pequena!
Elle, galã amoroso...

Cheia de vida e alegria,
Temos, tambem, Eva Nil,
Como o alvorecer de um dia,
Em nosso amado Brasil!

Que linda é Lelita Rosa!
Quanta belleza ella encerra!
E' a "rosa" mais formosa
Dos jardins de nossa terra!

D'ARTHAY D'ALVA.

Rio

Raquel Torres...

QUAL SERA' A PROXIMA DADIVA DO MEXICO?

Pergunta-me Outra...

RAMON BEN HUR (Rio)— Lia Torá é brasileira! Nasceu na R. Esperança, S. Christovão, Rio.

BRANDÃO (Bahia) — Póde endereçar para M. G. M., Culver City, Cal. Não sei qual a companhia franceza a que se refere. Será de theatro? Sascha-Stoll é a reunião de duas emprezas, a primeira da Austria e a segunda da Inglaterra.

REBOUÇAS (Bahia) — A sua photographia foi entregue a Debra.

UMBERT VOLART (Porto Alegre) — As photos já foram inutilizadas. Nita Ney, aos cuidados desta redacção.

Eva Nil, Cataguazes, Minas.

V. V. (Bahia) — Ufa Studio, Neubalsberg, Berlim.

E. BAPTISTA (Recife) — Só respondo aqui pela secção. Deve dirigir-se directamente. As emprezas. Não lhe attenderão. E... só respondo a cinco perguntas de cada vez. Você deseja 12 endereços ao mesmo tempo!

H. MOURA (Rio) — Você se enthusiasma sempre pela artista do novo film que vê... Mas quem é esta tal Vilma Banky da rua Farani? Ora essa!

ISIDRO (Botuçutú) — Foi entregue a Debra.

SAINT-UBES (Maceió) — Mas porque não escreve sempre?

J. S. (J. de Fóra) — Entreguei ao encarregado da pagina dos leitores.

A. SANTOS (Nictheroy) — 1° Acho. 2° Ha esta pagina, mas os leitores nada lhe tem enviado ultimamente. 3° Aos cuidados desta redacção. 4° Como você, ha muitos que desejam visital-a. Se elle consentir em dar o seu endereço...

BIDO (?) — 1° Sim. 2 Olympio ainda não. Sobre Lia, leia a resposta dada a Victoria Rodriguez. 3° M. G. M. Culver City, California 4° Aos cuidados de *Cinearte*. 5° Não pensa nisso. Espera novo contracto naturalmente.

GLORIA (Nictheroy) — Ricardo Cortez, Tiffany Stahl Studio, 933 No. Seward Street, Hollywood, California. Lewis Stone, M. G. M. Studio, Culver City, California. Lew Cody, idem.

MARIO (Araraquara) — Mas Iria Miraino é a revelação do film. O "Programma Matarazzo" continua a comprar as producções da Warner Brothers, sim.

NÃO E' GRETA GARBO
NÃO. E' BRIGITTE HELM...

PEQUENAS GRITTA LEY

DA UFA... JENNY JUGO

ESTELLE TAYLOR ENVIOU ESTE RETRATO AOS BRASILEIROS...

BETTY MORRISSEY

MARY ASTOR

Figurino de Cinearte

DORIS DAWSON

MOLLY O'DAY

Casamento ou Cadeia

(HOMES JAMES)

FILM DA UNIVERSAL

Laura Elliot	Laura La Plânte
James Lacey Junior	Charles Delaney
Mme. Elliot	Aileen Manning
Iris Elliot	Joan Standing
James Lacey Senior	George Pearce
Gerente	Arthur Hoyt
Haskins	Sidney Bracy

A linda e trefega Laura Elliot deixára a sua pequena cidade natal para se transferir para New York. Pintora, com algum talento, ella julgou que na immensa metropole faria fortuna. Não se realizou propriamente o seu ideal e Laura empregou-se num grande estabelecimento commercial, ficando encarregada da secção de quadros e objectos de arte.

A rapariga, de natural alegre, não contava lá muito com as sympathias do gerente, que, pelo seu gosto, a teria mandado andar ha muito. Num dia de chuva, em que sahia do emprego, Laura veiu a conhecer um rapaz pelo qual logo se enamorou. Era o filho do seu patrão, que manteve segredo sobre a sua identidade, dizendo-se chauffeur e chamar-se James. E as coisas correram assim até que, certo dia, Laura recebeu a nova de que duas paréntas, que por ella se interessavam, viriam vel-a em New York, afim de constatarém pessoalmente os seus triumphos. Foi o diabo! A pobre creaturinha mandára dizer coisas fantasticas para a terra e agora se via em apuros, mettida num verdadeiro becco sem sahida.

O velho Lacey tinha ido a negocios a Philadelphia, de modo que a casa em que morava estava apenas entregue aos creados.

O pseudo James offereceu-se para tirar Laura dos apuros; levou-a para o palacete paterno, isso depois de varios incidentes curiosos, que se desenrolam na loja, entregue á direcção de Lacey Junior, agora com um surprehendente amor ao trabalho, mas sempre achando meios e modos de não se encontrar face a face com a linda caixeirinha que lhe puzera a cabeça á roda.

Laura conduz as parentas para o palacete de Lacey, onde novas e engraçadissimas scenas se desenrolam, mantendo sempre o filho do negociante o seu incognito, até que surge o velho, que antecipára o seu regresso. Vendo a sua casa cheia de gente, suppondo-os malfeitores, telephona ella para a policia, que não demora em surgir, segurando o proprio negociante, que lhes parecera suspeito.

Lacey passa uma noite na cadeia.

No dia seguinte chega como uma furia ao escriptorio. Vê Laura e manda prendel-a. Interroga o filho, admirado de o vêr na sua mesa de trabalho. Lacey Junior, a par dos factos, força o progenitor a ir á policia para dar liberdade a Laura.

Decididamente, a mocinha operara um milagre, fazendo com que o filho tomasse a vida ao sério.

Arrasta-os o velho á presença do juiz de casamentos e une-os para sempre. Só então, radiante de felicidade, Laura vem a saber que o homem que amava e que a desposava era James Lacey Junior.

H. MELLO

LAURA NÃO TINHA AS SYMPATHIAS DO GERENTE...

Jeanne Eagels é a estrella de um film da Paramount todo falado, que sera dirigido por Monta Bell.

A M. G. M. contractou uma porção de tenores e barytonos e artistas theatraes para os seus films falados.

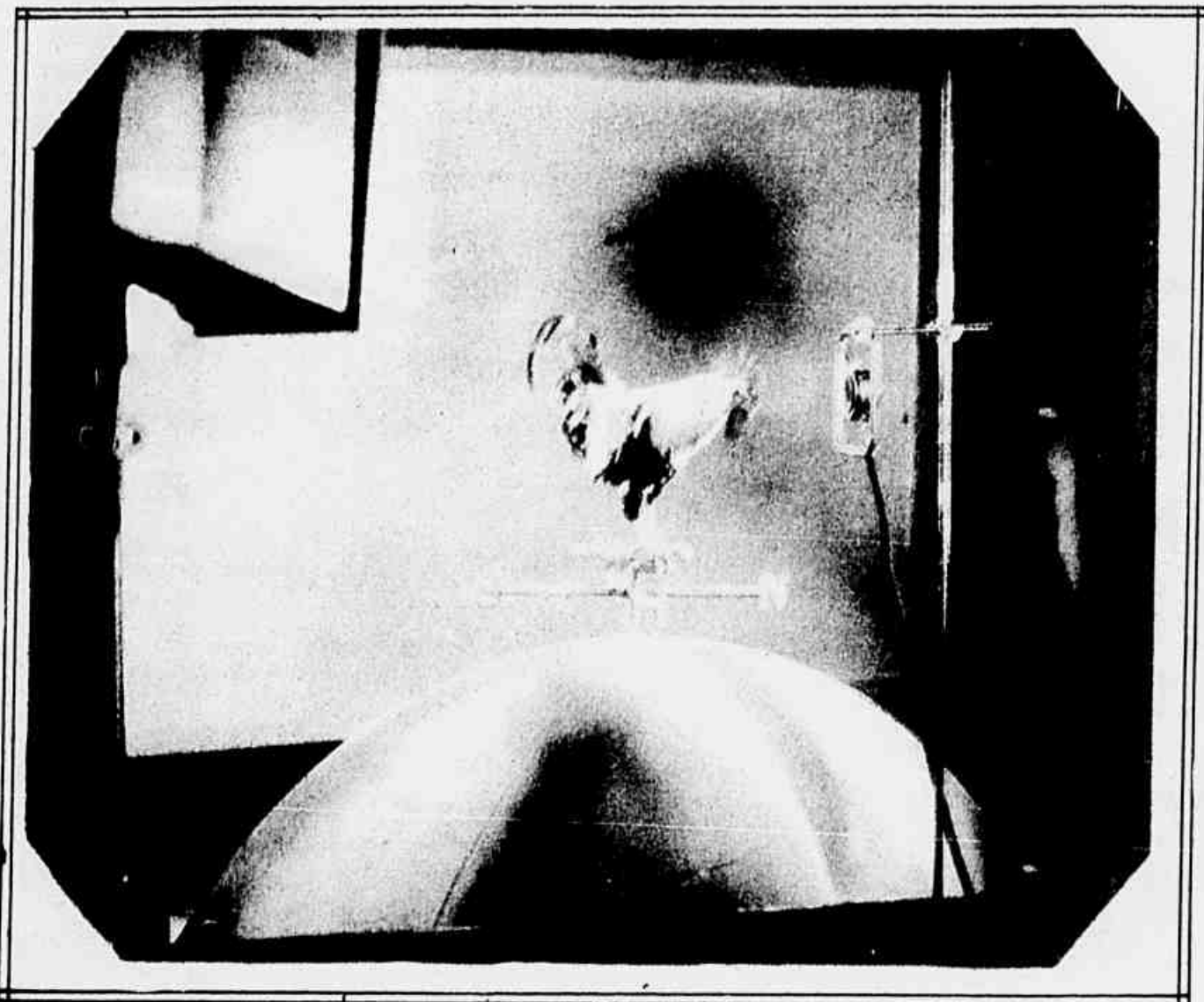
Em "Driftwood" da Columbia, figuram Don Alvarado, Marceline Day, Alan Roscoe, Fred Holmes e outros.

Thelma Todd, Larry Kent, Montagu Love, Wm Mong, Chester Conklyn, Barbara Bedford e Eve Southern figuram em "The Haunted House", da F. N. com effeitos de som...

Em "The Shady Lady" da Pathé, figuram Phyllis Haver, Robert Armstrong e Louis Wolheim.

Dorothy Sebastian é a estrella de "The Devil's Apple Tree" da T. S.

JAMES ESTAVA APAIXONADO, MAS DIZIA-SE "CHAUFFEUR"

A "VOZ" DE HOLLYWOOD...

ATE O GALLO DA PATHE' VAE CANTAR MESMO!

Terei eu voz para Cinema?

Eis a grande interrogação actualmente em Hollywood. E não ha artista da téla que se possa subtrahir a ella.

O leitor já terá por certo ouvido falar do novo processo da applicação da voz no Cinema, isto é, de um meio de synchronizar a voz ou outro qualquer som com a acção na téla. "Cinearte" ha muito e por diversas vezes tem tratado do assumpto. Mas talvez ignoro, que, ultimamente, esse processo desenvolveu-se com incrivel rapidez, não havendo neste momento companhia que não se mostre vivamente interessada pelo film falado. Algumas dellas estão construindo palcos ou elaborando projectos para essas installações sonicas. Certos detalhes complicados que oppunham obstaculos ao progresso da novidade foram satisfactoriamente resolvidos com o concurso das organizações que dispõem dos apparelhamentos de registro e reproducção.

Existem actualmente quinhentos Cinemas nos Estados Unidos providos dos apparelhos de som, acreditando-se que, no começo do anno proximo, esse numero tenha subido a um milhar. Dentro de dois annos se contarão por milhares na America do Norte os Cinemas "vociferantes" e possivelmente a Europa tambem os possuirá. Agora, uma pergunta: e o Brasil?

O facto é que todo o mundo cahiu na orbita do Cinema vocal, cuja influencia causará perturbações entre os luminares da téla que até agora se satisfaziam em manter-se em discreto silencio no decurso de toda a sua carreira.

Que a situação creada com o apparecimento do Cinema falado assumirá as proporções de uma verdadeira revolução, não ha duvida alguma.

Até bem pouco tempo, havia uma unica companhia a produzir regularmente films sonicos — a companhia Warner Brothers, que controla a Vitaphone. Começaram elles a produzir os films rumorosos, quando fizeram o film "The Jazz Singer", com Al Jolson como estrella. Depois fizeram um film denominado "The Lion And The Mouth", com Leonel Barrymore, May McAvoy, Buster Collier e Ale Francis, desempenhando importantes papeis. Quando este film foi exhibido o Cinema foi literalmente tomado de assalto. O film possue varias scenas longamente dialogadas, e agradou francamente ao publico. A Warner Bros. tambem fez "Lights of New York" que foi o primeiro film todo falado, e agora "The Terror", em que até os letreiros de apresentação foram substituidos pela fala.

Embora a Warner Brothers tenha sido a primeira nesse terreno, a Fox não se tem deixado ficar atraz. Ella possue o jornal Movietone, que se vae tornando rapidamente uma instituição. No Movietone ouvem-se celebridades taes como Lloyd George, General Pershing, Mussolini, principe de Galles, e "tutti quanti".

O Movietone tem registrado, com os seus respectivos rumores, corridas de autos, de cavallos, ascensões de aeroplanos, a extincção de grandes incendios nas cidades, o espadanar de jovens banhistas nagua e todas as novidades apreciadas dos frequentadores de Cinema. A Fox entrou tambem a explorar os films de ficção falados.

A isso deve-se accrescentar a grande actividade em que se empenham a Paramount, Metro-Goldwyn, United Artists e First National afim de produzir films vocalizados. Na opinião de Jesse L. Lasky, dentro de poucos annos não mais existirá isso que se chama a scena muda.

Como novidade que é, o Cinema falado não poderia deixar de provocar toda sorte de commentarios, mas a verdade é que por emquanto nada existe ainda de definitivo. O film vocalizado acha-se ainda no dominio da experiencia, sendo mesmo de suppôr que a sua propagação se faça com extrema lentidão, dado o forte custo da installação necessaria á sua exhibição. Não ficará por menos de cinco mil dollares a mais simples installação para o film falado, e é claro que nem todos os Cinemas quererão ou poderão arcar com taes despezas Sem duvida os Cinemas que não installarem o apparelhamento falante terão de tomar cuidado, a não ser que queiram fechar a porta.

Por outro lado ha a considerar que a industria do Cinema americano com os seus quasi dois bilhões de dollares de capital attingiu taes proporções que qualquer modificação importante nos seus aspectos fundamentaes devem ser feitos com a maior lentidão.

Em seguida é preciso não perder de vista o mercado estrangeiro. O Cinema deve justamente o seu caracter universal á ausencia de linguagem falada.

E' claro que a não ser em paiz de lingua ingleza, os films falados americanos não terão muito que os recommende, emquanto não se descobrir um processo de introduzir automaticamente para outras linguas o que os artistas americanos forem falando. A não ser isso, restaria a hypothese do artista falar differentes linguas, o que não é nada da indole do americano.

O caso é de perplexidade, como se vê, e a gente da téla, de posse do novo e admiravel aperfeiçoamento, não sabe o que ha de fazer delle. E' como si um individuo possuisse uma mina de ouro e não dispuzesse de picareta nem páo para trabalhar.

Todavia, antes que decorram seis ou sete mezes todos os Studios estarão produzindo film com uma certa quantidade de dialogos. Taes scenas dialogadas serão inseridas de tal fórma que, si forem supprimidas, a representação muda não soffrera materialmente. A producção completa póde ser exhibida de ambas as maneiras — com ou sem sons. Nos Cinemas que possuirem o apparelhamento respectivo taes films, serão falados; nos que não o tiverem os films serão mudos. Dessa forma attende-se tambem aos mercados estrangeiros.

Mas nada disso resolve um outro aspecto da complexa questão creada pelo Cinema falado, e este é o que se refere aos artistas propriamente. Ha muitas lindas ingenuas da téla que nunca falaram um pouco mais alto, nem mesmo ao jornalista que as entrevista, e que estremecem ante a perspectiva de "falar" o seu papel deante do microphone.

CULLEN LANDIS E DOLORES COSTELLO EM "LIGHTS OF NEW YORK"

Mas os entendidos no assumpto, aquellas que já trabalharam no Cinema falado, procuram acalmar taes receios.

Lionel Barrymore, por exemplo, que, desde "The Lion And The Mouth", throna como o rei da palavra em Hollywood, affirma que a voz não tem significação alguma.

"Esse frenesi pelo trenamento da voz é tudo quanto ha de tolo, diz elle. A voz é das menores coisas na arte do Cinema falado. O que importa é o que o artista tem na cabeça. Joseph Jefferson disse uma grande verdade, quando affirmou que a voz tem causado muito mais infelicidade aos artistas do que o "whisky". Com isso elle quer significar que o artista que liga demasiada importancia a essa coisa superficial que é a declamação e se despreoccupa de comprehender o seu papel, está destinado ao fracasso. Mesmo uma voz desagradavel pode tornar-se apreciavel, pela personalidade que se revela através della. O successo do artista depende do seu talento dramatico e da sua habilidade mimica. E isso se applica tanto ao palco como ao Cinema falado ou a outra qualquer fórma de oratoria publica".

Conrad Nagel que já se apresentou em varios films falados, tem idéas bem definidas sobre o assumpto:

"Ha muitos segredos a aprender a respeito do Cinema falado, e esse novo processo requer uma technica e um estudo particulares".

E Conrad, a esse proposito, refere-se a varias particularidades de pronunciação que no seu entender exigem bastante cuidado dos actores. Mas isso é na lingua ingleza e pouco interesse tem para um leitor brasileiro.

May McAvoy, que tambem figurou no "The Lion And The Mouth", exprimindo o seu ponto de vista, insistiu sobre a necessidade do estudo.

"O Cinema falado exige, sob todos os sentidos, muito mais de uma pessoa, mas particularmente no que respeita ao preparo. O artista não poderá, sem duvida, descansar tanto no director, como no film silencioso. Estamos tão acostumados a concentrar toda a nossa attenção sómente nos movimentos physicos, que a circumstancia de ser preciso attender tambem a voz não é nada tranquillizadora, no começo.

"Por outro lado, com um pouco de pratica, a gente adquire uma certa liberdade, uma certa naturalidade que falta á mimica commum, e que eu encaro como extremamente benefica. Penso tambem que as scenas da téla terão uma significação emotiva muito mais profunda, desde que, com auxilio da voz, possamos dar mais ampla expressão aos nossos pensamentos e sentimentos". Muitos dos astros da téla entregam-se a toda especie de trabalhos preliminares, prevendo o dia da estréa no Cinema falado. Pode-se mesmo mencionar a abertura de varios cursos de declamação em Hollywood, alguns dos quaes estendem-se aos ensinamentos das tricas scenicas do palco.

Innumeros artistas, entretanto, confiaram-se a professores de declamação. Olga Baclanova, outrora cantora, reiniciou os seus exercicios vocaes. Bettty Bronson, Sue Carol, Alice White, Charles Farrell e Barry Norton, figuram entre os artistas sem experiencia do palco, e que cogitam de fazer o seu aprendizado de declamação ou já o iniciaram effectivamente. Dolores Costello está sendo guiada por Andres Segurola; Betty Bronson confiou-se a Emily Fitzroy. Ambos estes professores são conhecidos pela sua pratica de palco e são considerados competentes declamadores. De Segurola foi outrora cantor na Metropolitan Opera.

Ha tambem certo numero de artistas estrangeiros que se entregam com assiduidade ao aperfeiçoamento da lingua ingleza. Emil Jannings é um destes. Elle sente-se attrahido pelo Cinema falado, embora acredite que este não supplantará inteiramente o drama silencioso.

"Eu penso, diz elle, que a mimica que teve tão estupefaciente desenvolvimento na téla, no correr da ultima decada, continuará como elemento essencial na expressão das emoções e da personalidade no film. A voz servirá para realçar os effeitos dramaticos, sem duvida, mas não creio que o dialogo passe a constituir a principal fórma de expressão.

"Mesmo na minha carreira theatral na Allemanha, tive occasião de aprender que a voz é um elemento secundario na representação. Assim, mesmo no palco, tudo depende muito da expressão physionomica, do porte do corpo, da maneira de deixar cahir os hombros, do significativo movimento de um dedo. Na téla, isso é, talvez, mais evidente. O verdadeiro artista, tanto na téla como no palco, pode exprimir-se pela palavra e pelo gesto em qualquer linguagem. O mais eloquente exemplo disso é a scena lyrica".

Norma Shearer, desde o seu regresso da Europa, confessa-se inteiramente absorvida pela nova corrente.

Bebe Daniels declara que não ha muito, "apenas para se divertir", ella experimentou a sua voz num gramophone do velho typo — os taes de disco cylindrico — e assim póde ter uma impressão antecipada da sua propria voz. "Não sei de que póde servir isso para o film falado, mas é ainda assim um excellente meio de descobrir os nossos mais graves defeitos de elocução.

Os artistas de palco, como é facil de imaginar, estão jubilosos, principalmente aquelles que, segundo o seu modo de vêr, ainda não tiveram a boa opportunidade no Cinema. Os que já obtiveram successo no drama silente mostram-se mais reservados a respeito da innovação, mas declaram-se promptos a adoptal-a.

John Gilbert, Richard Dix, George Bancroft, Wallace Beery, Edmund Lowe, James Wall, Madge Bellamy, Richard Barthelmess, Billie Dove e Esther Ralston, são dos poucos que acceitam a novidade com indifferença. Madge Bellamy deve ser uma das primeiras a ensaiar a sua voz num film — o film "Mother Knows Best".

Nos films feitos pela Vitaphone, os artistas com pratica do palco parecem ter levado vantagem em começo. Mas isso será coisa simplesmente temporaria, dadas as condições de producção da voz. A melhor voz aqui será a que se presta a reproducção mecanica. Está averiguado que os bons cantores de radio, nem sempre são bons cantores de concerto. Acontecerá o mesmo com o Cinema falado.

Demais a pratica do palco não é coisa rara no mundo do film. Uma enquête nos principaes Studios, revelou que sessenta e cinco por cento

(Termina no fim do numero)

O MICROPHONE MOEVITONE QUE ESTA' NA UNIVERSAL PARA EXPERIMENTAR A VOZ DOS ARTISTAS. AO LADO ESTÃO SID GRAUMAN, DONO DE ALGUNS CINEMAS EM LOS ANGELES; CARL LAEMMLE JR. E O DIRECTOR GRIFFITH, QUE DECLAROU QUE HA MUITOS ANNOS JA' USOU CINEMA FALADO E LEVOU PEDRAS.

OS DIRECTORES BEN STOLOFF, NORMAN TAUROG, IRVING CUMMINGS E LEW SIELER EXPERIMENTAM A VOZ .. PARA TIRAR UMA PHOTOGRAPHIA DE PUBLICIDADE...

Olá Cheyenne!

(HELLO CHEYENNE)

FILM DA FOX

Tom Trask	Tom Mix
Diana Cody	Caryl Lincoln
Buck Overland	Jack Baston
Fremont Cody	Joseph Girard
Zip Molton	Al St. John
Zeff Bardeen	Martin Faust
Bus Driver	William Caress

Duas companhias telephonicas, rivaes, approximam-se da cidade de Rawhide. A primeira adeanta-se muito nas concessões obtidas com Cheyenne.

Fremont Cody, um dos interessados, tem nesse negocio sua unica esperança de salvação financeira. Se perder a partida estará arruinado.

A' frente dos seus passos, nas entabolações commerciaes, atravessa-se Jeff Bardeen, gerente da companhia concorrente, e tenta, sem exito, comprar os homens da immediata confiança de Cody.

Uma noticia circula com alvoroço para a cidade inteira. Tom Trask, conductor da Cheyenne — Rawhide Stage e da Express Company, propõe-se a melhorar as condições de trafego de uma estrada de automoveis.

Diana Cody, filha do engenheiro constructor, ajuda-o sem saber, indo de encontro a estação de Automoveis. Trava conhecimento com Tom, e este promette a si proprio, então, não perder a partida. Bordeen é scientificado da palestra de Diana e Tom e de que este conta com o auxilio da moça. Tenta vencel-o, ainda, mas é completamente dominado por Tom.

TOM E DIANA.

Nesse meio tempo, sendo atacada a estação, Tom fica ferido. E Cody, satisfeito nomeia-a gerente de sua companhia. Emquanto isto, explode o amor de Diana por Tom. Mas este occupado como está com a construcção da estação telephonica, não tem tempo para amar... O campo de Cody, com o novo gerente passa a viver uma phases de desejada harmonia.

As construcções progridem rapidamente, é Cody reconhece lealmente tudo isto dever á sagacidade e ás qualidades dirigentes de Tom, que sabe tratar os seus homens com brandura e cordialidade, delles podendo tirar uma somma maior de trabalho.

Já no campo contrario as coisas se passam de modo bem diverso. Os trabalhadores não se cansam de manifestar má vontade e ameaçam abandonar os serviços de um momento para outro.

Overland, o proprietario, já em desespero de causa, reune um grupo de homens e ataca Cody, do que resultam prejuizos materiaes e atrazo de alguns dias para as construcções.

Mas Tom sabe recuperar o tempo perdido, e conta com o seu pessoal possa trabalhar, de bôa vontade, noite e dia, até que as coisas tomem o rithmo material em que se encontravam. Elles se approximam cada vez mais de Rawhide, não obstante os desesperados esforços de Overland para detel-os.

Os inimigos de Cody, nada mais podendo fazer, roubam-lhe os rolos de fios telephonicos.

Tom e os seus homens percorrem os arredores, tentando achar o roubado. E emquanto isto, Lassiter chega ao acampamento e rapta Diana.

O seu pae afflige-se muito e quer até abandonar a construcção, com tanto que salve a sua filha querida. Mas Tom aconselha-o a assumir sem desfallecimento a direcção dos serviços, indo elle a procura de Diana.

Emquanto Tom procura a moça, a cidade de Rawhide prepara uma recepção retumbante ao vencedor. As ruas estão apinhadas de gente.

Diana é salva. E a companhia rival tem meia milha de avanço quando Tom tem a idéa de mudar os fios do telephone pelas linhas

(Termina no fim do numero)

O Guarda - Roupa de James Hall..,

Ha oitenta e sete annos, os nossos avoengos arregalariam os olhos de espanto si alguem lhes dissesse que James Hall tinha trinta e cinco ternos de roupa, mas hoje isso não causa espanto.

Elles se consideravam felizes quando possuiam dois costumes e mais uma ampla capa preta para os enterros e baptisados. Isso ha oitenta e sete annos. Si subirmos mais, si remontarmos aos bons velhos tempos de Lanceloto e Galahad, quando o rei Arthur distribuia cerveja e o "skittles" em torno da Round Table; quando os cavalheiros eram cavalleiros, que acreditarieis, por exemplo que, Lanceloto dissesse si lesse a noticia de que Jimmy Hall possuia trinta e cinco ternos de roupa.

Alto e delgado, sem duvida elle exclamaria, retorcendo os seus longos bigodes louros: "Egad! imagine um camarada com trinta e cinco vestimentas! Que trabalhão para cuidar de tudo isso. Si as malhas de prata da tunica não carecessem de concerto e o peitoral da armadura não tivesse de ser polido.

A pluma do meu elmo esta sempre a reclamar limpeza e a viseira sempre a cahir no momento menos opportuno. Um costume já dá tanto trabalho, imaginem só trinta e cinco!"

Mas isso era nos bons tempos, hoje... hoje.

"As lojas abrem contas correntes em nosso nome, sem que o saibamos e sem o nosso consentimento, declara Jimmy, e nos telephonam pedindo que nos tornemos seus freguezes a credito".

Conversavamos a respeito do quanto custa a vida de um astro da téla, do quanto precisa elle dispender mais do que o commum dos mortaes para manter a sua vida de apparencias.

Esses personagens soffrem toda sorte de explorações, pagam tudo mais caro.

"No meu primeiro anno de estadia em Hollywood gastei dezoito mil dollares, no esforço de fazer-me bemquisto de todos, e estive ás portas da bancarrota. Isso foi ha dois annos. No anno passado, eu disse com os meus botões: — Jmmy, isso não está direito. Aonde é que vaes parar, meu velho?" E resolvi tomar o manager, confiei-me inteiramente ás suas mãos e hoje vou conseguindo fazer economias.

"Pago noventa dollares por mez ao meu criado-chauffeur, que é tambem capaz de me preparar um bom jantar; dezesete dollares por semana á minha criada arrumadeira, cento e cincoenta pelo meu apartamento. Para os meus gastos pessoaes, que comprehendem tambem refeições e cortezias, separo a verba de cento e cincoenta a duzentos dollares. As minhas despezas de casa são separadas. A's vezes a minha verba pessoal dá para duas semanas, dependendo isso exclusivamente das cortezias, do que gasto com convivas. De outras vezes, dura apenas uma noite.

"Ao artista de theatro a coisa é muito menos dispendiosa. Tomemos, por exemplo, o problema das roupas. O actor representa um papel durante dois e tres mezes, ou talvez mais ainda, e isso não exige, digamos, sinão de uma a quatro mudanças de costume, a não ser que seja um papel particularmente apparatoso em vestuarios. No Cinema o artista vive eternamente a se deslocar de um logar para outro, a trocar o frack pelos knickers do golf e pelas vestes de cerimonia. Tem de possuir uma collecção de "dressing-gowns" listados e desenhados com amplas gollas de sêda ou sem golla de todo. Si um vestuario é de um desenho especial, que o distingue de todos os outros, não poderá ser usado duas vezes.

JAMES HALL TEM 35 TERNOS...

"Devemos possuir um stock bem fornido de costumes de sport para St. Moritz ou Deauville, Miami ou Hong-Kong, e é bem possivel que no dia seguinte, uma modificação no manuscripto, vos transforme num duque cheio de "morgue" com decidido gosto pelo monoculo"

Doze ou quatorze pares de sapatos, desde o preto reluzente ao branco alvinitente, se enfileiram pacientes no appartamento rococo. Seis sobretudos, um com golla de pelle, todos do mais elegante padrão, pendem preguiçosamente do cabide. Bengalas, polainas, duas cartolas (uma dé sêda), sete chapéos molles, varias duzias de lenços; camisas brancas e de fantasia, collarinhos molles e duros, escarpins, botões de punhos de platina, de ouro e de prata, cinco collecções de botões de camisa de perola negra, de brilhante encravado em metaes preciosos.

"Uma outra coisa que faz a vida do palco menos dispendiosa, é que uma pessoa não dispõe do tempo sinão para ceiar e no dia seguinte dorme-se até o meio dia. Isso apenas deixa livre a tarde, si não houver matinée, e nesse espaço de tempo não se póde fazer grande coisa. Mas aqui, com o trabalho a horas regulares, ha tempo para a centena de divertimentos que se nos offerecem".

E isso não representa a metade do que custa a um "pobre" a vida em Hollywood.

E os clubs nocturnos? Porque afinal não se pode levar uma pequena a qualquer balcão de cachorro quente.

Gardenias a um dollar cada uma. Qualquer, cidadão pode mandar á sua Dama rosas desde 50 centimos a 5 dollares a duzia e ella ficará muito contente. Jimmy manda gardenias. Merna Kenedy adora as gardenias.

E os automoveis. Ah! isso é outro capitulo. Jimmy é dois a dois.

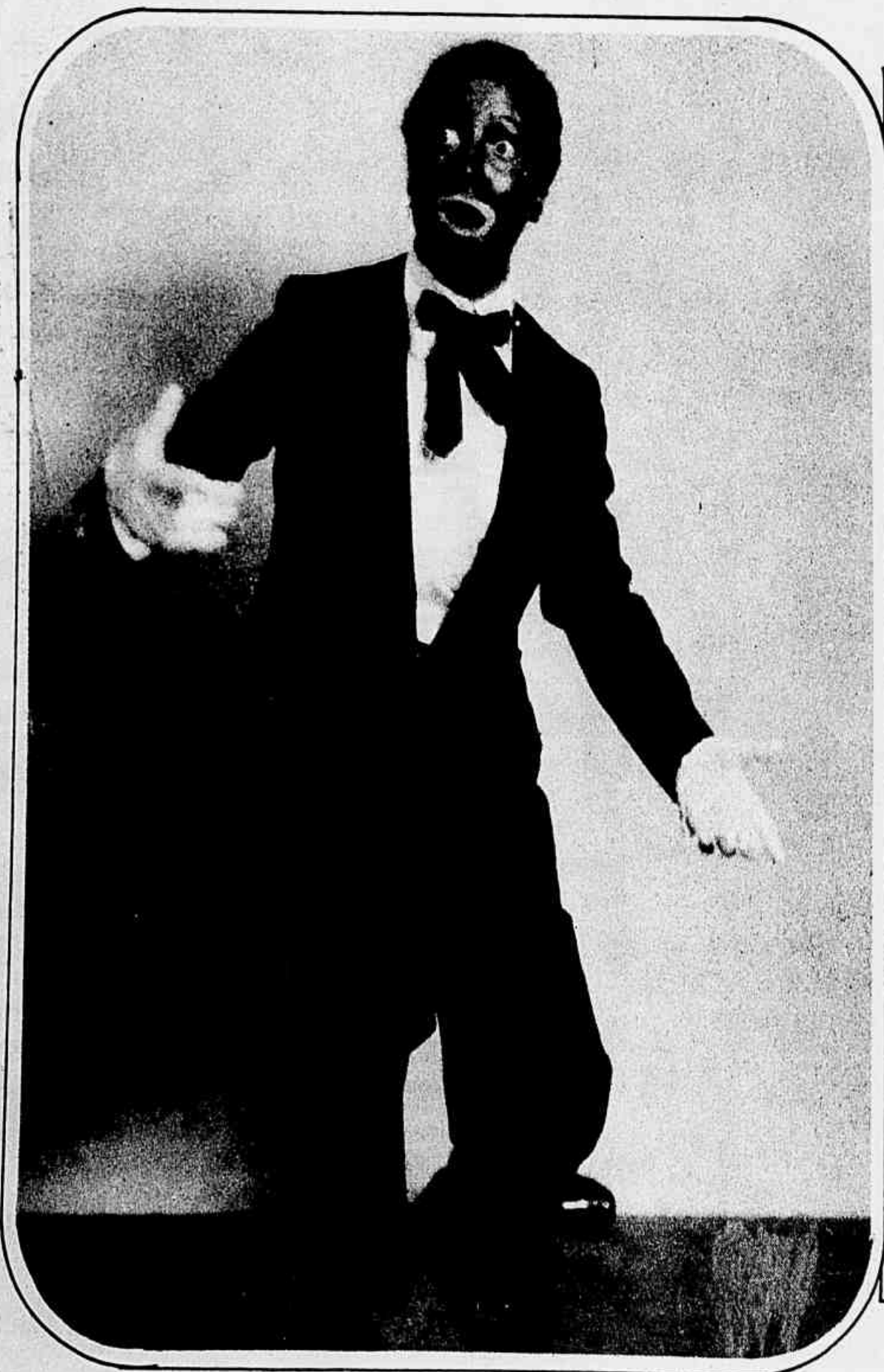
Photographos que cobram duzentos dollares por uma "pose" e amigos que contam suas miserias. O dizimo dos astros é realmente um caso sério.

MADGE BELLAMY
E AS SUAS ULTIMAS CREAÇÕES...

CORCEL ARABE

(FLEETWING)

FILM DA FOX — DIRECÇÃO DE LAMBERT HILLYER

Jaafor	Barry Norton
Thirya..........	Dorothy Janis
Metaab	Ben Bard
Auda	Robert Kortman
Trad Ben Zaban..	Ervile Alderson
Mansoui	James Anderson
Furja	Blanche Friderica

NADA MAIS SE INTERPUNHA A' FELICIDADE DELLES...

O "Simoun" galopava deante de seus perseguidores. Tambem, para que é que deram a um cavallo esse nome rebelde? O brioso animal, orgulho de toda a Arabia, parecia ter no sangue ardente a influencia implacavel do vento que cavalga o Sahara. Em pouco os que o perseguiam viram-no desapparecer envolto numa nuvem de poeira. Simoun, vendo-se livre, deteve-se para matar a sêde numa fonte do caminho, quando, um enorme leão surgiu-lhe á frente, de fauces escancaradas. Por felicidade, Jaafor, filho de Trad Ben Zaban, que passava pelas cercanias, appareceu, nesse momento, a tempo de matar a perigosa féra. Com esse reconhecimento, com essa gratidão que principalmente nos animaes se manifesta, o indomavel "Simoun" permittiu que o seu salvador o acariciasse. Radiante á idéa de capturar esse esplendido animal, Jaafor tentava passar-lhe uma corda ao pescoço, quando o riso ironico de Metaab, sheik dos Wahabis, inimigos mortaes da raça dos Rouallah, surprehendeu seus ouvidos. Certo da morte se fosse capturado, Jaafor apressou o camello em que viera, deixando "Simoun" ao seu destino. Cercado pelos seus perseguidores, o cavallo tentou inutilmente fugir, pois, momentos após, era capturado pelos companheiros de Metaab. Jaafor, vendo a captura de "Simoun", seguiu, á distancia, o bando, até a cidade de Akaba, porto maritimo da Arabia.

O JOVEN JAAFOR SE INTERESSOU PELA BAILARINA...

METAAB ERA PERIGOSO...

Ahi, chegado, Metaab dirigiu-se incontinenti á casa de Furja, a feiticeira, afim de vender-lhe o cavallo. Ao vêr o soberbo animal, que ella, como todos os Arabes daquella região, cobiçava, a megéra teve uma idéa: trocar "Simoun" por Thirya, a bella bailarina, encanto e sonho das caravanas. Jaafor, que assistia, occulto, a toda a scena, fremia de indignação. Mal a feiticeira e o sheik se afastaram, o filho de Trad Ben Zaban, ouviu, surpreso, um pranto de mulher. O presentimento de um drama atroz assaltou-o. Jaafor sentiu que o nobre coração lhe pulsava no peito. Toda a tradição de cavalheirismo das tribus altivas de que descendia parecia impellil-o a correr em defeza dessa creatura

(Termina no fim do numero)

JOSEPHINE DUNN, EVA VON BERNE E RAQUEL TORRES. EM BAIXO, OUTRAS PEQUENAS DE HOLLYWOOD...

BELLA CRIMINOSA

("THE HOUSE OF SCANDAL")

Film da Tiffany-Stahl do "Programma Serrador" que será exhibido no ODEON.

Anne Rourke ...... DOROTY SEBASTIAN
Pat Regan .... PAT O' MALLEY
Danny Regan .... HARRY MURRAY
Morgan .... GINO CORRADO
Mrs. Chatterton .... IDA DARLING
Butler .... LEE SHUMWAY
Man About Town ...... JACK SINGLETON
Mrs. Rourke .... LYDIA KNOTT

"Cada qual é para o que nasce"... os proverbios nunca mentem. Danny Regan (Harry Murray) nascera para policia e fossem lá desvial o da tendencia arguta de perscrutar a vida de Nova York, mettido na farda honrosa de Agente de Segurança!

Quando na Irlanda elle resolveu seguir para a America, embarcou não pensando que apenas chegasse ficasse definida a sua posição social.

Mandou o seu retrato a um irmão que já lá vivia ha muitos annos e por sua vez, o irmão mandou lhe a sua photographia para que ambos não tivessem difficuldades no mutuo reconhecimento. Foi o que se deu. Quando o vapor atracou ao porto de Nova York, já estava o irmão de Danny, Pat O'Regan, agente de policia (Pat O'Malley) muito limpo no seu fardamento reluzente. Acenaram se com as cartolinas e cahiram nos braços um do outro...

Danny era o caçula da familia. Pat deixara-o no berço. Foi por esse motivo que o recebeu com amor fraterno e levou o para o seu apartamento. Danny ficou enthusiasmado com a apparencia do irmão. Quando iam pelo caminho assistiram á grande revista da Força Publica e Pat, de folga, explicava-lhe que ser Policia em Nova York era ser potente e quasi soberano. Essa parada boliu com os nervos de Danny. Chegados a casa, Pat fez lhe ver que para policia já bastava um na familia!

No dia seguinte, Danny apanhando o irmão a dormir, envergou a sua farda e poz se a fazer exercicios platonicos ao espelho. Tão depressa ordenava o transito como armava em ciceroni de damas transeuntes... Quando estava neste devaneio ouviu gritos e correu á rua e ali ordenou que um carro o levasse a elle e a moça ferida, Anne Rourke (Doroty Sebastian), á casa que ella lhe indicou. Pelo caminho, com a pequena muito aconchegada ao peito percebeu que um policia tem prerogativas especiaes... E a moça

era bem galante... Como ella tivesse um pe escalavrado levou a ao collo e entrou com ella na sala. Começou logo a tratral a, não como policia e sim como medico! E aplicou lhe os pensos e ficaria ali eternamente, se não tivesse de correr á casa para que o irmão podesse entrar de serviço! Ora, a casa onde estava Anne pertencia a uma quadrilha de gatunos, composta de todos os elementos necessarios a uma colheitá féliz. Era especialista em joias de grande valor. Estava marcada para o diá seguinte uma audiencia á certo representanté da mais acreditada loja do genero.

Esse empregado levaria um dos collares de perolas mais raras no momento. Tinha obtido as melhores informações sobre a "familia" que ali morava. Essa coincidencia desagradara bastante, por terem visto dentro de casa um policial...

Uma hora antes de aprazada a entrevista a sua folga, para ir a casa onde na vespera deixára Anne. Queria saber se estava melhor e, ao mesmo tempo, confessar lhe que não conseguira dormir pensando nella!... Claro, que ao apparecer lá, foi como se uma bomba estivesse ali para rebentar no momento grave... La disfarçaram o melhor possivel... Afastaram Anne e Danny

(*Termina no fim do numero*)

O CINEMA É UMA NOVA FORMA DE ARTE

(*Por SERGIO BARRETO FILHO, especial e exclusivo para "CINEARTE"*)

ADMIRO MAIS JOAN CRAWFORD DO QUE A VENUS DE MILO...

Um nome me foi posto e ficou. Eu sou o Dr. Cinema, dono de um vicio que não faz mal a ninguem, mordido pelo "camera coccus", de cama, atacado do "kinema morbus". O nomezinho me foi posto porque eu vivo a citar Carlito, Murnau ou De Mille, em vez de falar sobre Zola ou Victor Hugo, porque eu mostro uma photographia de Joan Crawford quando devia mostrar uma da Venus de Milo, ou outra de Lupe Velez quando devia chegar a vez de uma Madona de Raphaél. Será isso um crime? Haverá um erro em eu gostar mais de Cinema do que de qualquer outra forma de Arte? Será um crime o que eu faço, querendo demonstrar aos outros a razão de ser dessa minha predilecção e dessa escolha? Creio que não! Ora, conversemos. A cabeça do Homem não foi feita seguramente para adorno; e, desde que assim é, usemol-a para fins superiores e vamos raciocinar um pouco, como todo sujeito de juizo e bom-senso deve raciocinar.

Sinto uma coisa quando assisto a um bom film; essa coisa e assim como um "goso espiritual", uma coisa indefinivel, uma especie de "it" que eu proprio não saberia definir muito ao certo. E' indiscutivel que, numa assembléa de mil espectadores, oitocentos, pelo menos, não sabem em que consiste a belleza espiritual do film ao qual estão assistindo. Isso poderia parecer um insulto á dignidade do nosso bom publico brasileiro, mas, si pensarmos bem, qual será a proporção de entre os espectadores de um film, de entre os que assistem a esse desenrolar do tal "goso espiritual", que realmente poderá analysar a realidade do Bello, do Artistico residente nelle.

E' duro de se calcular! E' mesmo um terreno muito duvidoso, mas, em todo caso, eu proprio tenho feito experiencias para isso, para calcular a comprehensão, ou antes, a taxa de comprehensão do Artistico em um film, tomando se o publico em geral, em globo, por campo de analyse.

Mais de uma vez tenho convidado moças, rapazes e senhoras para assistirem films commigo; isso não é de hoje, é velho. Mais de uma vez tenho levado amigos que nunca tiveram quem lhes dissesse a significação de um scenarista ou de um director na execução de um film "artistico"; ponho essa palavra em grypho porque só o film reconhecidamente artistico se prestará para taes experiencias subjectivistas. O film é, antes de mais nada, uma expressão de Arte subjectivista porque é ao "sub eu", á alma, ao espirito ou ao que outro nome tenha que elle toca principalmente. Não ha no Cinema, um materialismo exclusivamente para os olhos como no theatro, e, principalmente no theatro de hoje, porque, logo que o Homem quer se vêr objectivado por esse sensualismo a interrupção do "apanhado" cinematographico, colloca deante delle, a realidade patente de que se trata só de uma imagem fugitiva.

Mas no theatro não ha disso. Lá a realidade é patente, e crua, e, o que é peor, é permanente. Eis o grande mal do theatro, eis a alavanca que o faz cahir no atoleiro dá sensualidade repugnante, nestes tempos de revistas pornographicas. Eu disse mais acima que tenho levado moças e rapazes para apreciarem Cinema "do angulo artistico" e não "do angulo de um passatempo". Não menti. E' a pura realidade. Eis os resultados obtidos por mim: a não ser em casos de uma falta de cultura mais que notavel, a não ser em casos de uma incomprehensão patente, todos, todos, digo, reconheceram que films de Arte dão sempre um goso, muito superior em espiritualidade em subjectivismo.

Não digo que o Cinema seja maravilhoso todo em si; isso seria uma tolice alem de ser uma prova de máo gosto. O que eu digo é que films artisticos deliciam mais ao amador da Arte do que quadros artisticos, estatuas artisticas, harmonias artisticas, etc. E' essa a questão de que trato neste momento. Assim como um "black bottom" não póde ser uma expressão de Arte, assim tambem um gesso barato, uma oleographia mediocre e um film em series não poderão jamais ser dignos do verdadeiro amante da Arte. Tenho ou não tenho razão?

Ora, nesse ponto, abramos um parenthesis. Falei bastante de Arte, mas esqueci me de frizar o significado do verdadeiro amante da Arte e do Bello. Esse significado, e eu péço aos meus condescendentes leitores para analysarem o que tento expôr, não se cinge ao circulo dos que admiram a Arte "sob uma ou duas formas apenas". Comprehenderam bem? Ora, vejamos. Fórma de Arte não póde ser a Arte em si, porque essa é geral. Assim como a Estatuaria Grega fixou a plastica divina de uma Aphrodite no marmore de Athenas, assim tambem a Cinematographia Americana fixou a plastica estonteante de uma Joan Crawford no celluloide de Hollywood. Ha palavras que, melhor do que os nomes dessas duas cidades, exprimam o que são, em que se resumem as Fórmas de Arte?

A Arte é uma só; isso é indiscutivel. Nós mesmos, tanto vocês como eu costumamos dizer: "Isto, isso ou aquillo é artistico". Logo, o que varia é uma fórma de que se serve o artista para expressar o Bello ao observador, e não essa Arte una e indivisivel. Aqui a questão já se restringe, já se resume, e nós vamos começando a perceber que o Cinema não é uma Arte Nova, como toda gente, e mesmo os mais altos intellectuaes de Hollywood pensam, mas, sim uma Fórma Nova, uma Setima Fórma de Arte, que nós chamamos de uma Setima Arte por espirito de assimilação.

Não creio, e eu estou bem certo disso, que haja intolerancia da parte de um amante dessa Nova Fórma como eu, em querer explicar, patentear, exemplificar aos outros em que reside a superioridade dessa Nova Fórma sobre as outras; eu jamais quiz que ninguem gostasse ou deixasse de gostar de Cinema; o que eu sempre quiz foi que me dessem o direito de subir á tribuna, como agora, e d'aqui expôr as minhas razões, deixando-as á censura de quem as quizesse censurar. Ha dez annos que venho dizendo que o Cinema encerra em si a Plastica, que o Cinema encerra em si a Poesia, que o Cinema encerra em si a Literatura, que o Cinema encerra em si a Pintura, que o Cinema encerra em si a Tragedia Grega. Ha dez annos que eu venho querendo abrir os olhos dos que não tinham elementos (a leitura de revistas e jornaes especialisados) para vêr, tenho sido bem succedido nessas experiencias. Póde dar-se o caso de muitos concordarem commigo por simples compaixão pelo "pobre maluco Dr. Cinema", mas o facto é que, por isso ou por aquillo, sempre acham alguma coisa de sublime nessa nova expressão de Arte que é o Cinema.

Nesta questão de que trato, o facto do Cinema ser uma Fórma Artistica superior a todas as outras, ha um ponto sobre o qual falei muito ligeiramente e que preciso, para melhor comprehensão do assumpto, tornar a pôr em fóco. Esse ponto é a questão do Gosto. Quando me occorre a mim discutir sobre a Nova Fórma de Arte e expôr as superioridades dessa Nova Fórma sobre as outras, vêm-me logo com essa phrase fatal, tão fatal como dois e dois serem quatro, e que, afinal desvia completamente a questão:

— Ah, mas si você gosta assim tanto de Cinema, nem todos pensam da mesma maneira: outro póde gostar mais de theatro do que de Cinema. E depois o Cinema lhe agrada mais é porque é uma arte hybrida; no Cinema ha de tudo, misturado e é por isso que você gosta delle...

Enganam-se! Enganam-se todos os que me dizem sempre isso! Enganam-se redondamente! Enganam-se completa e totalmente! O Cinema não poderia ser uma arte hybrida porque elle começa por não ser uma Arte, e sim uma nova fórma de Arte, comprehendam bem, da Arte. O Cinema é superior a todas as outras fórmas artisticas porque, si cada uma das outras só dispõe de um meio para tocar o hyper-sensivel do observador, sendo esse meio ora o verso, ora o periodo literario, ora o marmore, ora o crayon, e assim por deante, o Cinema dispõe de uma photographia "que vive", de uma acção patente, real e ficticia ao mesmo tempo, mas que leva o observador a sentir, a ouvir uma melodia quando elle vê apenas um violinista executando a sua aria, que leva o mesmo observador a sentir frio quando elle vê a neve do Colorado durante o inverno, etc. Estarei me fazendo comprehender? Não é essa a verdade? Dizem que não ha nada melhor do que exemplos patentes, colhidos em factos. Vamos pois aos factos. Si eu conseguir provar que o Cinema apresenta bellezas artisticas por intermedio de formas que não passam das Fórmas Artisticas (isso que chamamos commummente artes) já acceitas, e com mais superioridade do que essas, creio que estará demonstrada a superioridade da Nova Fórma Artistica sobre as outras. Antes, porem, de começar, eu peço licença para fazer notar o papel da photographia e da descoberta da nitrocellulose no historico da Cinematographia. Posto isso, vamos aos factos.

As Artes são varias mas aquellas ás quaes me refiro em particular são, já se vê, as Bellas Artes; entre ellas, e acima dellas ponho eu o

Cinema, visto que elle dispõe de um meio para expressar o Bello muito superior ao meio de que dispõem as suas seis irmãs; essas seis seis irmãs são: a Musica, a Pintura, a aArchitectura, a Esculptura, a Litteratura e a Choreographia. Examinemos uma por uma afim de emprestar bem clareza á questão. Primeiro, é indiscutivel que o Cinema é, ou pelo menos assim nasceu, uma Fórma Muda de Arte. Mas essa mudez apparente não poderá suggerir uma melodia, a harmonia do som, emfim, ao subconsciente? Por que não? Muita vez a propria Musica não suggere a acção? Eu citei um exemplo do violinista e peço aos amigos para recorrerem a elle. Vejamos agora a Pintura; que maravilha de suggestão em um quadro que o Cinema nos apresenta da foresta virgem ou do Grande Canyon do Colorado! Que maravilha de suggestão! O Homem se sente tão subjugado que elle proprio empresta á pintura real e vivente que se lhe patenteia, as côres da sua imaginação! A Architectura. Aqui, no Cinema, a Architectura não se cinge a palacios ou arcos triumphaes; vêde a maravilha de uma nova Gand em "Dois Amantes"! No Cinema não se architectam só palacios; architecta-se e constróe-se vejam bem, a "propria Natureza! A Esculptura. Quem poderá negar o alcance da plastica divina de uma estrella da téla? A Literatura. E a literatura especialisada para o Cinema que se chama o SCENARISMO? E as escolas romanticas ou realistas do Cinema? Compare-se um Von Stroheim, chefe e iniciador da escola realista de um Zola ou de um Eça, no Cinema, com um Griffith, chefe e iniciador da escola romantica de um Hugo, dentro da Setima Arte! Poderá alguem negar que isso que ahi deixo exemplificado não seja a Literatura, ou antes, uma nova Literautra sob uma nova fórma? A Choreographia. No Cinema não é apenas o corpo humano que serve de meio para o Bello nos Movimentos. E' tudo! E' a propria Natureza! E' o mundo moral a par do mundo material! Tudo fala e tudo diz alguma coisa, quando o Homem se serve do Cinema! Querem um exemplo? Vão vêr "O Principe Estudante" e notem na belleza daquella sequencia idyllica, no campo, á noite, com o vento a dobrar os trigaes e as margaridas, o Bello expresso na comparação entre a furia de uma Natureza que tanto dobra os trigaes quanto lança uma Norma Shearer, joven e cheia de amor, nos braços de um Ramon Novarro. O indomavel nos elementos, o indomavel nos sentimentos, é a Natureza dominando tudo!

Eis ahi porque penso ser o Cinema uma Nova Fórma de Arte superior ás outras seis. Não se trata de gosto cego ou paixão desabrida. Não se trata de intolerancia. Cada qual póde ou não póde gostar do Cinema; mas provar que elle não é superior ás outras Bellas-Artes, ás outras fórmas de Arte, isso nunca! Onde estariam os elementos para isso? Seria tarefa ingrata demais e eu não a aconselharia a ninguem...

Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior estão noivos. Dizem até que elles já se casaram secretamente, como fizeram ha pouco Karl Dane e Thais Waldemar.

卐

Setenta e cinco por cento dos Cinemas do chamado circuito da "West Coast" estarão installados para films falados em Fevereiro.

卐

John Francis Dillon dirige o film de Richard Barthelmess "Scarlet Seas". Betty Compson e Loretta Young tomam parte.

卐

Em "The Vanishing West" film de series da Mascot Picture Corporation, figuram Jack Daugherty, Eileen Sedgwick, Jack Perrin, Leo Maloney, William Fairbanks, Fred Church e Yakima Canutt. Um elenco de facto, para film em series!

Eric Pommer renovou o seu contracto com a Ufa, por mais dois annos.

卐

Eleanor Boardman vae figurar no film da Inspiration "The Goes To War".

卐

Rudolph Schildraut figura no film de Janet Gaynor, "Street Fair".

卐

Percy Marmont vae figurar num film inglez.

卐

Raymond Cannon agora é director. Está dirigindo "A Slice of Life" da Fox, com Conrad Nagel, June Collyer e Sharon Lynn.

卐

Lila Lee está no elenco de "The Man in Hobbles" da T. S. Lila Lee, divorciou-se de James Kirkwood.

卐

Fay Wray é a pequena de George Bancroft em "The Wolf of Wall Street" da Paramount.

卐

Em "Andrienne Lecouvreur", film da M. G. M. sob a direcção de Fred Niblo, figuram Joan Crawford, Nils Asther, Ailee Pringle, Warner Oland, Carmel Myers e Harry Myers.

卐

Clara Bow firmou um novo contracto com a Paramount.

O CINEMA TEM LILLIAN GISH.

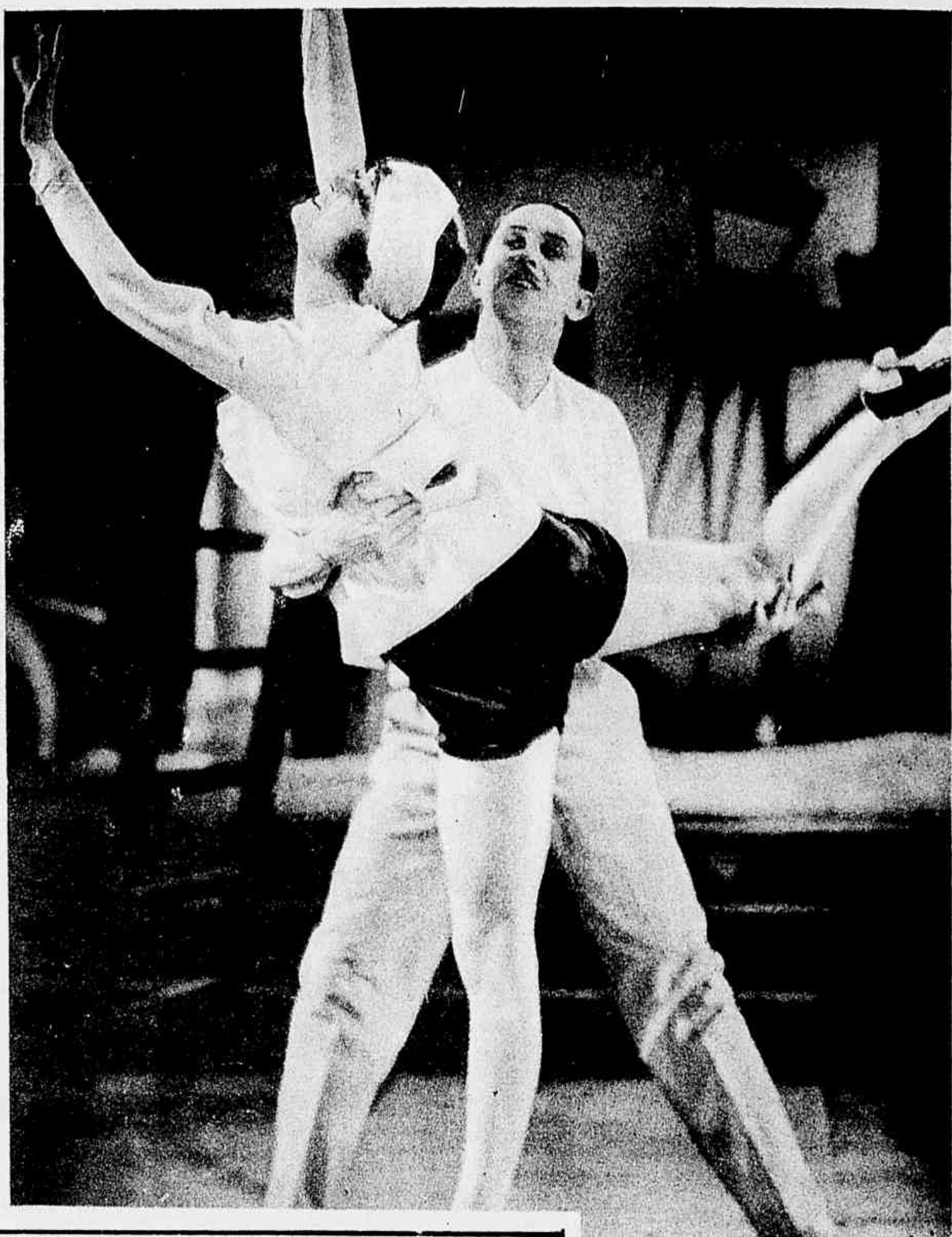
A BORBOLETA DOURADA

"*PROGRAMMA SERRADOR" QUE SERA' EXHIBIDO NO ODEON.*

LILIANE .... LILY DAMITA
WILLIAM McFARLAND .... NILS ASTHER
TIO BILL .... KARL PLATEN
CONDE D'ABERDENS .... JACK TREVOR

Ali estava, atraz daquelle guichet, de lapis em punho a fazer contas ou a premer o botão da machina registradora... Mas a sua aspiração era outra, muito outra... Ella queria ser artista, dansar, mas dansar dando folga ao seu temperamento. Prendia-a ali, porem, o carinho que tinha ao velho McFarland, que a criara, e talvez, mais que tudo, ella se sentia bem ali por causa de William, ao lado de quem crescêra e a quem amava profundamente. Ia sempre vel-o, em Oxford, onde elle cursava a Universidade, e quando voltava sentia que não podia deixar aquella "caixa" onde á vida era tão monotona, a ver as caras dos poucos freguezes do Restaurante MacFarland, aliás, uma das casas mais velhás, no genero, em Londres, e onde élla possuia como companheiros e velho *tio Bill*, como chamava intimamente ao "maitre d'hotel"; e o não menos intimo John, cosinheiro que acompanhava o Sr. McFarland havia máis de vinte annos.

Isso tudo não a impedia de, ás escondidas, frequentar um instituto de dansas, onde ella se aperfeiçoava na arte de Terpsychore. E tudo correria sempre ás mil maravilhas, si não acontecesse o infausto acontecimento da morte do velho proprietario do restaurante. Então William teve de abandonar os seus estudos na Universidade de Oxford, para tomar conta da casa, o que elle fez com bastanté magua, é Lilliane recebeu com alegria.

Graciosa e linda, Liliane haviá de encontrar admiradores, e não era para admirar que se visse seguida pelo joven Conde d'Aberdens, sempre qué élla sahia é ia ao instituto. E o conde vinha até ao restaurante, o que despertou as suspeitas de William, que já desconfiava das sahidas continuas da sua amiguinha. E foi isso que originou uma séria entrevista entre éllés, não podendo ella esconder mais a sua aspiração. E elle, na ardencia do seu temperamento, maltratou a com palavrás, que a obrigaram a deixar áquellá casa, em busca do seu ideal. E grande foi a magua para o tio Bill e para John...

Liliane procurou uma agencia theatral, para ver si conseguia emprego. O conde d'Aberdens seguia a, e vindo a saber qual a suá intenção, se promptificou a apresental a a um seu amigo, o emprezario do Colyseum, o maior centro de Variedades de Londres, e não lhe foi difficil, custeando a montagem da nova revista, obter a entrada de Liliane para o elenco.

Aliás, depois que André Dubois — o incommensuravel director de bailados do Colyseum — a exa-

(*Termina no fim do numero*)

Uma bomba de Hollywood...

ETHLYN CLAIRE

NO DIA DE S. JOAO

OU NO DIA 4 DE JULHO. NÃO SEI

DETECTIVES

(DETECTIVES) — Film da M. G. M. — Direcção de Chester Franklyn

House Detective	Karl Dane
Bell Hop	George K. Arthur
Lois	Marceline Day
Orloff	Tenen Holtz
Mrs. Winters	Felicia Drenova
Chin Lee	Tetsu Komai
Roberts	Clarence Lyle

Ninguem saberia explicar que força de circumstancias teria levado Dane a se fazer de detective e, escolhida essa difficil profissão, como nesse caracter entrara para o serviço de hotel ultra elegante.

No dito hotel trabalha como mensageiro o sagaz Arthur que, com o secreta, concorre ás preferencias amorosas da stenographa Lois.

Arthur, uma vez que outra, faz Dane deixar-lhe o campo livre, inventando motivos para que elle se ausente.

O ultimo é esse chamado de soccorro partido do aposento do professor Orloff, esperto collecionador de mumias egypcias... Dane attende pressuroso e serviçal, mas nada encontra que occupe suas habilidades. De regresso, encontrando Arthur em palestra com Lois comprehende tudo.

Dane, raivoso e enciumado investe para Arthur. Este corre e sóbe ao segundo andar, onde o professor Orloff aguarda uma entrevista com uma senhora. Ahi Arthur, para melhor se garantir, toma da mão de uma senhora que caminha entre duas crianças... A senhora, entretanto, distrahida como vae julga que sua mão está sendo pegada por um dos meninos. Quando Dane lhe pára em frente, interrompendo-lhe a marcha ella se defende, julgando-o um louco dando-lhe um forte soco nos queixos. Dane, com mais esta razão, vae esmagar Arthur, mas nesse instante surge o gerente do Hotel e lhe apresenta a senhora Winter, dama riquissima, possuidora de joias de grande valor e que precisa da sua vigilancia.

Dane, como detective, tem um defeito capital: a mania de bater com a lingua nos dentes. Assim, logo foi elle informar da novidade ao professor Orloff, que, ouvindo attentamente formulou desde logo o seu plano. Realmente, noite alta Orloff penetra disfarçado no aposento da senhora Winter e rouba-lhe todas as joias, depois de amordaçal-a e prendel-a, sahindo, depois, em direcção ao hall. Arthur reconhece-o, á passagem.

Orloff salta sobre Arthur, abafa-o com a capa, para lhe tolher a acção e corre a tempo de se escapar de Dane, a esse tempo já em actividade pelos gritos da senhora Winter.

Lois tambem vem ao quarto da rica senhora, tomar conhecimento da occorrencia.

Orloff, chegando ao seu quarto, esconde as joias, toma o seu ar natural de "estudioso", veste o roupão desce ao "hall" tambem, cabellos em desalinho, para vêr o que se passa.

Dane toma de Orloff a lampada que elle traz, e na qual escondera as joias, e vae com ella percorrer o quarto de roupas, em que julga estar o réo escondido. E logo que abre o quarto, depara-se-lhe um vulto embrulhado num casacão. E' Arthur, ainda preso da artimanha do "egyptologo"...

Dane intima-o a entregar as joias, e Arthur apenas responde que não as tem e que está innocente. E não foi difficil proval-o.

Institue-se, então, o premio de dez mil dollares para quem encontrar o ladrão.

Lois promette a Arthur augmentar-lhe o premio com a sua mão, se elle vencer.

Então Arthur disfarça-se em arrumadeira para poder espiar Orloff, de que elle desconfia.

Elle vê Dane devolver a lampada a Orloff e quando Lois vem ao quarto destes fazer entrega de uma carta, deixa cair a lampada que, abrindo-se, revella as joias roubadas.

Arthur, escondido, assiste essa scena e vê como Orloff sequestra Lois, escondendo-a, desmaiada, numa das caixas de mumias, e depois arruma as malas para partir.

Dane, por sua vez tambem descobrindo a historia, entra para effectuar a prisão do criminoso. Arthur esconde-se, então, junto a Lois. Orloff, em disparada, é perseguido pelos tres.

E' Arthur quem se apodera primeiro da lampada, mas Dane, tomando-a d'elle, acompanha-o até a delegacia de policia mais proxima.

Arthur, entretanto, tinha passado as joias para o seu bolso. Descontentes por verem escapar Orloff, elle e Lois se disfarçam de cocheiro, conseguindo, desse modo, serem conductores do "professor" no seu carro.

(Termina no fim do numero)

CLARA BOW OUTRA VEZ, NÃO FAZ
MAL A NINGUEM... OU FAZ?

O que se exhibe no Rio

ODEON

BERLIM, A SYMPHONIA DA METROPOLE (Berlin, die Symphonie der Grossstadt) — (Serrador).

Um film natural de uma technica inédita. E' a descripção de um dia em Berlim, feita em scenas de menos de um metro, chegando ás vezes ao rythmo daquelle estylo adoptado por Vorkoff. Mas esta descripção em si, além de curiosa tem o seu valor. Descreve a actividade febril de Berlim, os seus prazeres, a luta pela vida, as suas instituições, os seus caracteristicos e tudo mais, mostrando-nos a vida num dia apenas, com certa observação. Demais, ha detalhes que contam historia, que têm significação, que suggerem, que visualizam muito e fazem pensar até. Não ha letreiro. E' puro Cinema. Imagens numa encadeação interessante a significar muita cousa. Ha detalhes curiosos de nova descripção e outros de valor cinematographico. Vão assistir e preguem os olhos na téla porque num segundo se desenrola muita cousa. São interessantissimas as scenas do amanhecer de Berlim. E' um film que só agradará a certas e determinadas platéas. Para o grande publico será até aborrecido, mas o film não deixa de ser curioso, interesssante e de um futurismo agradavel. E tem muitos detalhes de valor, repito. Prestem bem a attenção e notarão. Mas o film é para quem é cineasta! Para o publico em geral será pavoroso. Walter Rutman foi o organizador e com tal idéa podia ter feito cousa melhor ainda. Pena que Berlim não seja tão photogenica. Um film original e curioso.

Cotação: 7 pontos. — A. R.

— Passou em "reprise" o film de Constance Talmadge, "Noite romanesca".

EM NOME DO IMPERADOR (Im Mamem der Kaisers) — Phoebus — Producção de 1925 — (Prog. Serrador).

Salva-se o argumento e a verade de certas scenas, sem o artificio e o effeito dos films americanos. Entretanto, o interesse decresce nas ultimas partes por falta de comprehensão geral de um scenario que aliás em descripção não é mal. O que o film não tem é a expressão e subtileza de uma boa direcção. Falta tambem um dedo de Lubitsch para as scenas militares.

Lya de Putti está deslocada e Adalbert von Schlettow é posto de proposito como galã, para ninguem esperar um final feliz...

O nosso já muito conhecido Eric Kaiser Titz, mettido numas barbichas, faz o Czar. E' film de technica atrazada, mas agradará a Tia Julieta, o Primo Miguel, etc.

Cotação: 5 pontos. — A. R.

SUZANNA (Syncopating Sue) — First National — Producção de 1926 — (Prog. Serrador).

A mais famosa casa de musicas de New York é o local da acção deste film. Isto é, os exteriores são authenticos. Quanto aos interiores... O film ás vezes é comedia, e ás vezes não é. Entretanto, tem as suas scenas engraçadas. Corinne Griffith é a formosa creatura de sempre. Si ella vendesse musicas no Rio até eu ia aprender a tocar piano... Tom Moore, sympathico, quasi não tem opportunidades. A não ser mesmo na sequencia em que conhece Corinne e na do "cabaret", nada ou quasi nada de relevo tem a sua presença no film. Aliás, o film não é melhor por ser o seu rythmo muito vagaroso, improprio para comedias do genero que explora. E depois Corinne Griffith não fica bem vendendo musicas. E' uma profissão mais adequada á irrequieta e namoradeira Joyce Compton. Lee Moran arranca boas gargalhadas. Rockcliffe Fellowes faz um quasi villão. E' o canastrão de sempre.

Eu prefiro vêr Corinne Griffith em trabalhos de valor dramatico. Vocês vão rir um pouco. O diabo é que o film anda muito devagar. Richard Wallace dirigiu.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CHARLES FARRELL

IMPERIO

O CAVALLEIRO NEGRO (The Sunset Legion) — Paramount — Producção de 1928.

Fred Thomson continua infeliz nos seus films para a Paramount. Este relata mais uma vez acontecimentos demasiadamente conhecidos. E' a historia de sempre. Salteadores, diligencias roubadas e guardas.

O chefe dos salteadores ainda continua a ser justamente a creatura de quem menos se suspeita. O heroe, por instincto, continua a antipathisar com elle desde o primeiro encontro. E no final, elle, que tambem continua, como sempre, a cobiçar a heroina, desce a mascara e assalta a mina ou cousa que o valha pertencente á heroina ou a um seu parente. A luta final. O villão entra nos trancos. E o beijo final... E' muita banalidade junta. Felizménte Edna Murphy sorri de vez em quando. E ha uma interessante entrevista della com Fred, a fingir-se de bôbo.

Mas a valsa que os heroes dansam e todos aquelles homens de mãos para o ar põem a gente de máo humor...

Harry Woods é o peior villão do mundo.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

GLORIA

O CAMINHO DO INFERNO — Ufa — Producção de 1927 — (Prog. Urania).

Comedia com magnificas situações e esplendidos episodios. Com um tratamento mais fino e delicado seria um successo.

Como está não sei bem o que é. E' tal e qual muitas outras comedias allemãs. Cheia de exaggeros na acção e na representação. Os americanos, em se tratando de comedias, ou fazem "slapstick" ou exploram a malicia fina de gente educada. Os allemãs, não; procuram o meio termo. E' o que os prejudica.

Entretanto, é bom divertimento. Agradará á muitos. Só Lilian Harvey com a sua graça encantadora de moça moderna, impetuosa e atrevida, constitue razão bastante para vocês verem o film. Harry Halm e Hans Junkermann tomam parte.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

O JARDIM DOS AMORES (Die Frauen gasse Von Algier) — Ufa — Producção de 1927 — (Prog. Urania).

A velha historia da mulher de vida falsa... que tem uma filha no collegio. Quando ella acaba o curso, começa o drama. Tudo isto misturado com um pouco de assumpto dos films sobre escravas brancas.

Historia mal contada, e por isso boas situações são desperdiçadas. Entretanto, ha um episodio que desperta emoção e o Jardim dos amores a que se refere o titulo é bom e está bem apresentado. Aliás, o film é tirado na Algeria onde se passa a historia e assim o ambiente convence e dá motivo a alguns apanhados pittorescos do lugar.

A photographia é defeituosa em sua maior parte do film. Maria Jacobini parece muito mais velha do que é, mas tem momentos de muito boa artista. E é mais uma que encontra um cortador de papeis quando o villão lhe ataca. Warwick Ward, de "Varieté" encontra, na historia, Elisa La Porta e Maria Jacobini em identicas condições, no mesmo logar, ajudado pelas mesmas pessoas e tem os mesmos gestos em ambos episodios. Camilla Horn, ora feia, ora linda, principalmente na classica scena em que é trancada no quarto, pelo villão.

Jean Bradin faz um tal Dr. Cadillac e, como é sympathico, a gente não sáe chispado. Mais um film da Ufa, com os seus caracteristicos.

Cotação: 5 pontos. — A. R.

O PODER OCCULTO (Die Geheime Macht) — Ufa — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Producção moderna da Ufa. Bom film. Não é nenhum estudo philosophico. Nem, tampouco, encerra estudo de caracteres. Mas é feito de bom material cinematico. Apresenta montagens bastante photogenicas. A sua photographia é nitidissima. A technica de "camera" nada deixa a desejar. As scenas nocturnas—em exteriores construidos no Studio — revelam grande perfeição de recursos technicos. O elenco representa magnificamente bem. E o director deixa transparecer um certo senso de composição.

Pena é que Erich Washneck não tenha sabido dar expressão ao film. Elle dirigiu bem a representação mecanica do elenco. Mas não comprehendeu a atmosphera que requeria o assumpto. Elle não soube tirar partido da situação de Michael Bohn — o odiado, indefeso, nas mãos de seus inimigos implacaveis. As scenas do "bar", por exemplo, podiam ser formidaveis. Assim como as do baile.

Entretanto, o film agradará a todos. Tem detalhes maravilhosos. Tem scenas bonitas. O principio é principio de um grande film. Michael Bohn é formidavel, quer como typo, quer como artista. Suzy Vernon é a creaturinha deliciosa que vocês todos conhecem. E Truns Van Alten é linda e travessa como Lelita Rosa.

Walter Rilla... que camarada enjoado! Paul Otto... que bom artista!

Cotação: 6 pontos. — P. V.

PATHE'-PALACIO

O ANJO DAS RUAS (Street Angel) — Fox — Producção de 1928.

"Setimo Céo" foi um formidavel successo artistico. Charles Farrell e Janet Gaynor da noite para o dia passaram as fronteirss da obscuridade. Os seus nomes tornaram-se famosos mundialmente. E Frank, Borzage, um director cuja chamma já ha muito parecia querer diminuir, tornou a entrar para a lista dos grandes cineastas.

Por isso tudo William Fox entendeu de repetir o golpe. Reuniu novamente Frank Borzage, Janet Gaynor e Charles Farrel. E entregou-lhes uma historia, que em suas linhas geraes muito se approximava de "O Setimo Céo".

E Frank Borzage poz mãos á obra. Trabalhou esforçadamente. Charles e Janet o auxiliaram em tudo. O film ficou prompto.

Repetiu-se o milagre? Não. Absolutamente. "Anjo das Ruas" não saira obra perfeita. Será difficil a exposição das razões do fracasso? Não. E' o que vou tentar fazer.

Antes de mais nada é preciso que os leitores saibam que o fracasso a que me refiro é o fracasso artistico. Quanto ao lado financeiro creio até que este film fará mais successo do que "Setimo Céo".

Bem. "O Anjo das Ruas" é um primor como belleza pinturesca. E' um nunca mais acabar de quadros de incomparavel belleza artistica. E' um espectaculo soberbo para os olhos. E' uma série de pinturas de finissima imaginação. E' uma fantasia napolitana que encerra

quadros dignos do pincel dos mestres. Além disso a technica com que se apresenta é extraordinariamente moderna. A "camera" move-se com uma facilidade espantosa. E' um fructo da presença de Murnau no Studio da Fox. Estão vendo os leitores, portanto, que o film representa um triumpho para os operadores e para o director, que, naturalmente, interferiu na composição.

Mas é só isso. A historia não se compara com a de "O Setimo Céo". Falta-lhe vitalidade. E' espiritual, é romantica. Mas o seu desenrolar é mecanico e apresnta situações irreaes. Tem scenas de grande ternura amorosa. Scenas idyllicas. Mas não têm um rhythmo justificador. A logica é desrespeitada a cada passo. O principio, por exemplo. Quem não nota logo que Janet, pura e innocente como é apresentada, não pode proceder como o film mostra? O final, sim, é bello, é verdadeiro. As ultimas scenas, então, são lindas e delicadas. Dignas de Janet e Charles.

Ha muitas scenas preparadas para repetir á força o successo de "O Setimo Céo". Mas o film é bello. Está muito bem dirigido. E a interpretação de Charles e Janet é optima. Embora a gente veja logo que a gesticulação não lhes fica bem. E que Charles parece abandonado ás vezes, em proveito de Janet.

Alberto Rabagliati faz um policia que a gente quasi não vê. Natalie Kingston tem um pequeno papel. Lia Torá apparece na sequencia da exposição de quadros.

E' um fraco éco de "O Setimo Céo". Frank Borzage não conseguiu sustentar o anjo das ruas no setimo céo...

Mas o film é lindo e eu tenho certeza de que vocês não o perderão...

Cotação: 7 pontos. — P. V.

O VENENO DO JAZZ (The Jazz Mad) — UNIVERSAL — Producção de 1928.

Sven Gade, naturalmente inspirado em "Mestre de Musica", escreveu o argumento deste film para si proprio. Mas a "U" achou de bom alvitre não deixar dirigir o seu proprio original. E chamou F. Harmon Weight, que não fez mais que estragar o material cinematico do assumpto, fazer Jean Hersholt perder tempo novamente em mais uma caracterização que podia ser um colosso e dar ao film uma semelhança de imitação vulgar do successo de "Mestre de Musica". A gente assiste quasi que com indifferença as desventuras de um genial compositor que acaba regendo uma orchestra grotesca. O que vale é que George Lewis e Marion Mixon encarregam-se do intersse amoroso, com a sympathia que todos lhes conhecem. E depois ainda apparece o famoso bowl da cidade do Cinema, numa de suas audições musicaes. O trabalho de Jean Hersholtl é como sempre de uma sinceridade a toda prova. Mas os seus esforços são vãos. O director não o auxilia. Marion Nixon cada vez mais bonita

Cotação: 5 pontos. — P. V.

— Passou em "reprise" o film de Reginald Deny "Onde Estava Eu".

Agora é moda passar "reprises" sem ao menos disfarçar com a palavra "reedição"...

PARISIENSE

O FRUCTO PROHIBIDO (Wie Heiratsich Meinen Clef?) — EWE FILM — Producção de 1928. —(Prog. V. R. de Castro).

Eu já estou cansado de ver films de escriptores que se disfarçam para melhor escreverem os seus livros. Os norte-americanos já exploraram muito o assumpto. Entretanto, isso não quer dizer que os allemães não passam dar novo aspecto á conhecida urdidura. Principalmente por se tratar desta vez de uma escriptora.

Assim pensava eu no salão do Parisiense. Harry Halm, Duia Cralla, Helene Hallier. Tres figuras sympathicas, transpirando bom humor. Rosa Valetti trabalha. Que cara horrivel! Procurei logo saber si o director era Murnau... Felizmente foi só o susto. Caminhava o film mais ou menos. Mas de repente começam a succeder-se os exaggeros de representação e os deslises de direcção, que tudo sacrifica em pról de umas piadas grosseiras. E eu comecei a desanimar, a desanimar...

Em todo caso, Harry Halm e Helene Hallier (desta vez mais graciosa e seductora) consegnem captar sympathias. E Kurt Vespermann ás vezes é engraçado: Podem ver.

Erich Sckoufelder não fez o film melhor porque não quiz.

E a invasão allemã continua furiosa...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

RIALTO

O PRINCIPE ESTUDANTE (The Student Prince in Old Heidelberg) — M. G. M. — Producção de 1927.

E' uma pungente e delicada historia do amor de um principe gentil e uma aldeã simples e pura. E' o romance morno, suave e triste de dois jovens que se amam apaixonadamente, com o amor dos simples e dos puros de coração. E' o doce rosario da paixão de um pobre principe que se vê esmagado pelo Estado, justamente quando o seu coração se abre para o amor.

Lubitsch, guiado pelo optimo scenario de Hans Kraly, dirigiu todas as scenas com extraordinaria delicadeza. E' uma successão magnifica de detalhes ironicos e toques de bom humor de combinação com o delicioso e triste romance amoroso. Justamente o que elle faz sempre em todas os seus films. As mesmas subtilezas de direcção. As mesmas criticas maliciosas. O mesmo espirito satyrico a resaltar nos menores detalhes. "O Principe Estudante" foi por elle transformado numa critica mordaz á vida dos principes e dos reis. A apresentação do principe herdeiro é uma pagina formidavel de ironia. Todo o formidavel apparato militar... os toques de corneta... os cumprimentos reverenciosos.. as continencias... e as salvas do estylo... só servem para pregar tremendo susto ao pobre principesinho... E depois a prisão real... Quanta scena extraordinaria, que só mesmo a imaginação fria e poderosa de Lubitsch podia conceber.

As scenas da taverna. A volta do ex-estudante, já rei. Scenas inesqueciveis. Que maravilhosa a caracterização que elle conseguiu com Ramon Novarro. A sua ingenuidade. A sua alegria ao saber da vida livre que o espera. O seu primeiro cigarro. O seu primeiro amor... E a cinza do charuto de Jean Hersholt? Lubitsch tem um cerebro profundaméntè cinematico. Elle sabe dizer o qué pensa visualmente. Elle é o verdadeiro cineasta...

A atmosphera de Old Heidélberg é perfeita. A gente tem impressão exacta do espirito da Europa em tudo. E a realidade das scenas da vida de um principe é pasmosa. No final a impressão de isolamento em que se encon tra Ramon Novarro, esmagado pelas obrigações reaes, é formidavel. E Lubitsch a conseguiu com incomparavel pericia, manejando habilmente os recursos da composição visual.

O palacio immenso, verdadeira fortaleza... as suas portas pesadas... Os seus salões vastos e luxuosos... O seu parque sombrio e deshabitado... as figuras austeras dos homens do governo... e o pobre principe...

"O Principe Estudante" é um verdadeiro triumpho para Ernst Lubitsch. Ramon Novarro sob a sua direcção tem um trabalho notavel. Norma Shearer secunda-o admiravelmente. Mas está feia. Só nas scenas de amor, refeitas por John Stahl, é que ella se mostra como realmente é — linda, formosa. Gustaw Von Seyffertitz tem um bom desempenho. E o mesmo quanto a Phillipe de Lacy, Edward Connelly e Ottis Harlan.

O scenario de Hans Kraly é esplendido.

Mas a gente sente atravez de todo o film a mão de Lubitsch nos menores detalhes. Kraby é bom scenarista. Mas Lubitsch é um espirito criador...

Cotação: 8 pontos. — P. V.

RAMON E NORMA NO "PRINCIPE E ESTUDANTE"

PATHE'

VIGILANTE DE CONFIANÇA (The Four Footed Ranger)—UNIVERSAL—Producção de 1928.

Como sabem, a Univeras tambem tem o seu cachorro de circo. E' o "Dynamite". Este é apenas mais um dos seus films. Edmund Cobb e Marjorie Bonner formam o par amoroso... uma especie assim de Harron-Marlowe do Rin-tin-tin...

Ja está muito pau esta historia de cão ensinado. Eu agora só gosto de "cachorro quente".

Emfim, agradará a creançada.

Cotação: 4 pontos. — A. R.

COM QUEM ME CASAREI? (Whom Shall I Marry) — Sun Pictures — (Marc Ferrez).

Para mim John Ince resolveu produzir este film por nada ter mais a fazer. Para tanto reuniu uma porção de gente sem it, um punhado de aposentados á força pela indifferença do publico e jogou-os dentro de um assumpto, tolo, ingenuo e absurdo, limitando-se a guiar-lhes os movimentos. Ha muito tempo que eu não via uma representação tão detestavel. O scenario é imperfeitissimo. O numero de scenas é deficiente. A gente tem uma impressão desagradavel de theatro. Está tudo muito mal arrajando. Não tem um elemento amoroso. A's vezes toma aspecto de film policial. Mas o famoso detective que apparece é peor do que Sherlock Holmes para fazer deducções absurdas. E que cara a delle! Wanda Hawley, Mary Carr, E. K. Lincoln, Lpottswood Aitken e Dorothy Vernon são os principaes do bando em disponibilidade. Só não gostei foi de ver Mathilde Comout mettida em brincadeira de tão máo gosto.

Cotação: 3 pontos. — P. V.

VENTO E AREIA — (The Wind) — M. G. M. - Producção de 1927.

Victor Seastrom é um admiravel director.

Desta vez deram-lhe uma historia das mais simples. Uma pobre pequena que é mandada para a região dos ventos eternos, a viver em companhia do primo.. Ciumes da mulher deste. Um casamento forçado, para ter quem a proteja. Depois uma ameaça. E por fim o amor... Eis a historia. E' verdade que Frances Marion se encarregou de escrever o scenario... Mas eu não acredito que Victor Seastrom tenha respeitado rigorosamente a sua arrumação de scenas. Aliás, hoje em dia, isso é muito commum. Creio mesmo que para qualquer director digno desse nome o scenarista não passa hoje de um arrumador de sequencias, um habil desenhista do mais superficial.

Lillian Gish sempre foi a heroina atirada numa atmosphera terrivelmente ameaçadora, ao sabor do turbilhão das paixões humanas. Desta vez ella ainda não faz excepção. E os inimigos vorazes que a cercam são tremendos, crueis. O vento... a areia... o homem... Que mais póde temer uma heroina como Lillian Gish?

O director conseguiu dar um cunho extremamente humano a essa luta feroz. Com bellos detalhes. Com sequencias de admiravel logica, verdadeiras maravilhas de desenvolvimento psychologico. E com um realissimo estudo de caracter.

Não tem uma falha o caracter de Lillian. O seu terror espantoso pelo vento e pelos homens, desapparece no final. Mas é que lhe faltava justamente aquelle que tudo faz parecer agradavel — o amor!

Lars Hanson, barbado, feio, tem tambem um admiravel trabalho de caraterização. Como é logico o seu modo de agir! A sua ingenua timidez, os seus gestos bruscos, a sua perturbação diante da mulher amada... Victor Seastrom imprimiu a sua figura todos os traços caracteristicos de um ser humano. Lars Hanson é um homem vivo, cheio de defeitos e qualidades. E Dorothy Cummings. Eis outro finissimo estudo. A sua paixão pelos filhos e pelo marido... o ciume que sente provocado pela estranha... e a sua bondade ao comprehender a triste situação della depois do encontre com Montagu Love...

A atmosphera é extraordinariamente real. Sol. Vento. Areia. Cyclones. Areia. E sempre o vento! Todas as sequencias do film terminam com o vento a soprar violentamente. As scenas em que Lillian, só, na calmaria, soffre os effeitos da tempestade são de um realismo apavorante. A morte de Moutagu Love é profundamente impressionante.

Emfim, tudo é perfeito no film. Pena é que o thema não se prestasse a estudo melhor. Não é um assumpto photogenico. Mas por isso mesmo é que o trabalho de Victor Seastrom é formidavel. A gente chega a sentir o vento e a areia que atormentam a pobre Lillian. A interpretação de todo o elenco é maravilhosa. Lillian então attinge a culminancia sem par. E' um dos melhores trabalhos de sua carreira. Lars Hanson e Dorothy Cummings vão admiravelmente bem. Montagu Love, que é a ameaça, tem, tambem, um optimo desempenho. Assim como Edward Earle e William Orlamond.

Lillian Gish e Victro Seastrom. Que é que vocês querem mais?

Cotação: 8 pontos. — P. V.

DE SÃO PAULO

(P O R O . M .)

Ultima semana de Setembro.

Semana de films fracos. Os primeiros exhibidores, Sant'Anna, Republica, Alhambra e São Bento, não primaram em films bons. O que se exhibiu foi vulgar. Mas delles, sem duvida, o melhor foi "Rose Marie", com a adoravel Joan Crawford. Foi o melhor film. Mas mesmo que Edmund Goulding tivesse fracassado no scenario, Lucien Hubbard na direcção e que o argumento de Otto Harbach e Oscar Hammerstein não fosse mais, mesmo, do que uma opereta "vulgar", tudo isso se desculparia pelo que de fascinante, formidavel, que Joan Crawford tem. Mas tal não foi. Apezar de se tratar mais uma vez de um sargento da pavorosa policia montada do Canadá, o thema está mais ou menos bem desenvolvido e a sublime graça e formosura de Joan inculcam vida de sobra em todas as scenas do film. Não que ella se dispa dez vezes. Não que ella tome vinte banhos. Não que ella se mostre rival da mãe Eva. Mas só aquelle vestido... E a pessoa della, toda, é um recipiente de "it". O seu desempenho é admiravel. Ella é a propria vida feita mulher. Sorri com graça. Move-se com naturalidade. Tudo é real. E Joan Crawford alem de ser uma concorrente de Clara Bow é uma actriz de meritos indiscutiveis. O film é seu. Absolutamente. A gente nem chega a notar o House Peters... Graças a Deus! E as caretas e atrocidades de Gibson Gowland provam que elle é o mais repellente de todos os Georges Seigmans do mundo. E que a terra lhe seja leve! (Ao Seigman!) Creighton Hale... James Murray não é o James Murray de " A Turba". Mas o seu desempenho satisfaz. Ha um idyllio violento com a Joan... E acho que vocês sahirão bem satisfeitos com o film. E' agradavel e tem o perfume inebriante da mocidade perturbadora e ardente de Joan Crawford.

O São Bento lançou "O Mascote" (United States Smith), da Gotham, producção de 1928, direcção de Joseph E. Hennaberry. Um filmzinho bem razoavel. E' dos taes que a gente assiste, não se aborrece, e, quando chega em casa já não tem mais na memoria. Mas diverte e tem o Eddie Gribbon num papel bem saliente e que lhe dá margem para fazer rir muito e... lamber o dedo! Mickey Bennett é um soffrivel "rival" de Jackie Coogan. E é sina, mesmo, coitado! Cresce. Fica homem. E quando envelhecer ainda haverá alguem que diga "olha o tal pequeno" é o seu legitimo "rival"... Kenneth Harlan já está em tempo de se aposentar. Lila Lee dizem que é uma esposa á brasileira. Argumento do conhecidissimo escriptor Gerald Beaumont com scenario de Curtiss Benton. Assistam. Vocês não se arrependem e nem tambem darão parabens a si proprios por terem assistido.

Acho que o São Bento, com films assim fracos, não poderá sustentar a sua popularidade que já começou a decahir. O publico sabe premiar as bôas iniciativas. Amanhã, o Alhambra, por exemplo, bonito como é, se começar exhibindo "drogas", podem contar que ficará ás moscas. O que valem são os films. Não são as poltronas, as orchestras, os balcões com gravatas, as reclames espalhafatosas. Estes são factores contribuitivos. E o São Bento, infelizmente, está muito mal servido de films. Os seus proprietarios programmarão cousa boa, comprarão bons films no mercado independente, ou caminharão para o resultado em que se encontra o famigerado Triangulo? E' o que o futuro nos dirá. Se isso succeder, é de lastimar-se. Teremos perdido uma casa de espectaculos confortavel, sympathica e que é do agrado do publico. Que os anjos não digam "amen" a este vaticinio.

"Os Quatro Filhos", (Four Sons), da Fox, producção de 1928, estréou no Sant'Anna. Creio que é uma producção fadada a successo só entre publico pouco escolhido e, por isso mesmo, pouco affeito á producções finas. A Fox, neste particular, aliás, é veterana. "Honrarás tua Mãe", que mereceu a conesagração do mundo todo, em si, como film, é um dos maiores amontoados de situações impossiveis que até hoje já se viu. E assim muitos outros sahidos dos seus Studios. Mas "Quatro Filhos", esta producção, embora tivesse a direcção do bom director John Ford e um scenario de Phillip Klein, onde existem algumas unidads de tempo bem interessantes e alguns detalhes bem aproveitados, não é um film fino, digno de ser visto e apreciado pelo publico que gosta de apreciar producções de real merito. E', em synthese, um film fraco. Salva-se, apenas, a sympathia de Margaret Mann, a mãe dos protagonistas James Hall, Francis Bushman Jr., Charles Morton e George Meeker. Depois, a maneira pela qual quizeram apresentar o asco que todos sentiam pelo militarismo allemão brutal e impossivel de se aturar, encarnando-o, pessimamente, em Earle Foxe, é simplesmente ridicula. Fazem da Allemanha, neste film, uma nação dominada pelo militarismo morbido e doentio do tempo do Kaiser. E não conseguiram fazer isto com intelligencia. Ahi precisava estar o cerebro de um Josef Von Sternberg. Não conseguiram fazer o que tiveram intenção de apresentar. Fracassaram. E creio muito pouco que tenham coragem de exhibil-o na Allemanha...

"America!" é a palavra que os allemães ouvem, no film, e que os deixa apatetados. "America!". Palavra magica! E isso é ridiculo. Todos nós estamos cansados de saber que naquelle tempo a Allemanha dava pouquissima confiança aos Estados Unidos. E a ida de James Hall, que a principio parecia razoavel, torna-se ridicula, tola, quando elle toma das armas para combater a sua propria patria. Isso chega a ser revoltante! Impossivel! O allemão podem apresental-o como quizerem, mas não o apresentem como covarde: isso elle não é. A patria é cousa que elles têm no fundo da alma. Arranquem-lhe embora a ultima fibra moral. Ainda lhes restará a fibra patriotica. E' uma verdade que ninguem desconhece. E porquê apresental-os sob aspectos tão ridiculos? Este film, em si, mostrando a guerra por detraz das trincheiras allemãs, é mais prejudicial á Allemanha do que todos os que os americanos já fizeram e que os apresentaram como barbaros, bandidos, corja de piratas. Muito peior! E para ridiculo basta citar a scena do exame de Margaret Mann, diante de Frank Reicher, para poder ir para os Estados Unidos. E' uma scena que até risadas arrancou. E, palavra, não sei comprehender o criterio de certos criticos norte americanos que tiveram a coragem de classificar este film entre os bons films do mez em que foi exhibido...

Albert Gran imita o Jannings de "A Ultima Gargalhada". Earle Fox está horrivel. O encontro de James Hall e George Meeker está bem "mal" feito. Só se salvam, mesmo, alguns detalhes bons e algumas fusões intelligentes como aquella do ferro em braza na agua e a da partida com Margaret surgindo no boccal da corneta. E só. A F. B. O. tem films melhores...

John Ford fracassou. Elle parece que só sabe caprichar no ambiente. Mas a sua direcção, propriamente, é fraca. A gente, neste film, não tem o menor motivo para se commover. Tudo está muito duro. Muito pouco expressivo..

Você, Joãozinho, está ficando um director... Ford, mesmo!

O nosso amigo Triangulo está exhibindo, a semana toda, "Viagem ao Brasil". Eu fui vêr. Avaliem a minha coragem!

Rua esburacada. "Montagens" allegoricas em cima da bilheteria. Féras de papel e folhas para atrapalhar. 4$000 a entrada. (Quatro mil réis) 4$000!!! O porteiro suspendeu aquelle reposteiro que já tem quasi 30 kilos de sêbo. Entrei. Calefrio! Sentei-me. A orchestra rangiu. O violoncello grunhiu. A clarineta latiu. A flauta pipilou. A bateria escouceou. O piano relinchou. Surgiu o complemento: " A Familia de Carlito". Depois, a bicharada. Quasi todos não constavam na lista que alegra uns e entristece outros, ás 3 horas da tarde, no Largo dos Promptos, ou seja, Praça Antonio Prado... Nem para palpites... Só gostei da giboia engulindo a capivára. Senti que não fizesse o mesmo com alguns "cinematographistas"... E o Carnaval Carioca colorido. Final depois de tudo isso. Film brasileiro! Brasileiros, vinde cumprir o vosso dever! Vinde vêr a vossa terra que bellezas encerra! Extrangeiros! Vinde conhecer a patria que vos acolhe generosamente! Vinde conhecer as mais lindas féras brasileiras! Vinde vêr como se explora o publico! Vinde vêr a que ponto de civilização nós chegámos! Vinde vêr indios! Vinde vêr as mais lindas gravatas do mercado! Vinde vêr que horas são no relogio de bilheteria! Vinde! Oh! Vinde! Nós somos da patria amada! Idolatrada! Vivam os trouxas! Vivamos nós!

Cinema Brasileiro... Ah, se eu fosse senador... Um dia eu fazia um discurso assim:

Collegas! Carissimos collegas! Nós precisamos apresentar um projecto para exterminarmos com todos esses individuos que andam filmando "féras" e... isto é, "flagellos" no nosso paiz. Precisamos! E' medida urgente! Se isto nós não fizermos, carissimos collegas, o nosso fim é triste. Para o extrangeiro nós acabaremos

sendo um paiz "jaula" onde nós não passamos de refinadas "féras..

Por acaso, digam, já viram, em alguma parte, um film americano mostrando sertões dos seus Estados ou aspectos grosseiros de lugares onde a civilização da sua Capital não chegou? Não! Não! O que os meus caros collegas viram, foram, de facto, os inhospitos da terra yankee, mas disfarçados com o thema da fita, com a belleza da actriz, com a força formidavel do Cinema de enredo. Mas films de caçadas, de selvas, de indios, só... da Africa!

E sabem por que isso? Por que elles têm amor ao que e delles. Não querem que o estrangeiro pense mal da sua terra. Não admittem que ajuizemos erroneamente a patria que lhes serviu de berço. O que elles apresentam, são films de enredo, razoaveis uns, ruins outros, excellentes aquelles, magnificos estes, nos quaes intercalam trechos mostrando bellezas panoramicas, aspectos interessantes entre os indios, scenas de cidades atrazadas com os classicos "cow-boysc", etc. Mas nunca apresentar isso tudo num film sem enredo ou seja um film "natural".

Exterminemos com esta praga. Não devemos applaudir taes abusos. Não devemos deixar que nos mostrem nesses aspectos de casas de sapê e outras caipiradas. Isso é muito interessante para peças de theatro e para anecdotas, mas para Cinema devemos apanhar cousa mais decente, cousa que de facto atteste o nosso progresso. Progresso da nossa sociedade. Progresso da nossa educação. Progresso do nosso cultivo intellectual.

Que se mande o doutor moço passar as férias na fazenda, vá! Mas que antes se tenha apresentado o Rio de Janeiro, São Paulo ou as outras capitaes adiantadas do Brasil immenso. E ahi, então, mostrando tambem as bellas cidades de interior que temos, mostraremos, depois, os costumes regionaes dos nossos "cow-boys", com comedia, com sentimentalismo, com delicadeza, "sob o manto diaphano" de um thema agradavel e de uma acção amorosa interessante. Assim, sim! Caso contrario, estaremos, sempre, dando passos á ré. E isso não nos trará progresso! Isso não nos trará prosperidade! Trará, apenas, o riso de desprezivel sarcasmo dos extrangeiros que nos vêem sob taes aspectos em films "naturaes". Desnaturados é que elles são!!! Tenho dito. (O orador é vivamente "avacionado" pelos "cinematographistas"...)

Só resta ao publico intelligente uma alternativa. Applaudir as nossas sinceras e verdadeiras filmagens de enredo. Ir em peso ao Cinema que passar um film decente e feito com intenções honestas. E apedrejar, empastelar, reduzir a "piccolo" esses films repugnantes que só servem para nos deprimir. Façam isto e terão feito alguma cousa pelo progresso do nosso querido Brasil! Essa é que é a verdade!

Ha um outro assumpto que, mais ou menos, refere-se a este ponto. E' o assumpto das "Escolas de Cinema" que tanto vicejem na nossa querida São Paulo. E' assumpto que pertence ao campo do Pedro Lima. Deveria ser assumpto para a policia de costumes. Mas continúa sendo a praga ruim que extermina a verdadeira e sã filmagem nacional. Nós precisamos reagir! Precisamos levar ao conhecimento da policia todos esses casos de "escolas" que surjam na nossa Capital.

Esses estrangeiros (geralmente!) cavadores que para aqui vêm com esses rotulos não passam de gente sem escrupulo que o que quer é o dinheiro desses incautos que se sujeitam a fazer papeis de "patos".

Vivem na doce illusão e tudo o que ganham deixam nos bolsos dos "professores". Depois, com a representação á moda Cines, Ambrozio, quando não de outras cousas peiores, dizem e ostentam que são "artistas brasileiros".

Os que me lêem, por certo, não vão nesta corrida. Mas a estes eu peço um especial obsequio: que não deixem os seus amigos, os seus conhecidos, os seus subordinados cahirem nessas esparrellas.

Que dêm parte á policia quando souberem de alguma exploração indecente. Agora, quando souberem de uma fabrica que, decentemente, está filmando cousa decente, não obstem. Sejam até, se tiverem vocação, os primeiros a prestarem as suas cooperações. Assim vencerá o Cinema Brasileiro! Com brasileiros decentes! Com argumentos decentes! Com gente bem intencionada! Não com essa corja de "professores", verdadeiros mestres da patifaria, que tanto deturpam, que tanto aviltam o nome CINEMA, nome rutilante que devia encimar, sómente, instituições dignas, instituições nacionaes que nos fizessem honra!

Façam isso e terão auxiliado o Brasil! Embora desta phrase riam os phariseus e os "entendidos".

NÃO PERCAM A DANSA DO APACHE GLENN TRYON NO "PÉ DE VENTO"

O São Bento está exhibindo, neste fim de semana. "A Vida de Santa Therezinha do Menino Jesus". Não fui vêr. Irei se tiver coragem para tanto. Film europeu. Acho que como Cinema não é grande cousa. Estão aproveitando, apenas as festas que se estão celebrando em homenagem a essa Santa. Mas...

"Homo Mania" (Man Crazy), da First National, fechou a semana no Alhambra. "Cinearte" já commentou.

O Sant'Anna reprisou "Nós somos da Patria Amada" (Behind the Front). Eu já disse que embirro solemnemente com reprises. Mórmente de films como este que, afinal de contas, não passa de um film de linha.

"Rosa da Meia Noite" (Midnight Rose), da Universal e "Noite de Mysterio), (A Night of Mystery), da Paramount, foram os films que vi quinta-feira no Republica.

O mysterio da noite de mysterio era cousa que o Chuca-Chuca descobria. Mas a rosa da meia noite...

A Lya de Putti disse, ao Marinho, que estava até aqui com os papeis que tivera na Universal. Dou-lhe razão. O deste film, então, é até de enraivecer. Então será possivel que não tivessem conseguido uma historia peior para a pobre da Lya? E nós aqui em São Paulo, agora, quando o chefe de policia deixa, já se sabe... Cautela!!! E' desses films que só da gente falar nelle já se começa a abrir a bocca. Depois, quando a gente lembra daquella scena em que ella quebra a louça e briga com o Kenneth Harlan, então, a gente dorme a somno solto. E, o final, então, dá vontade de rir.

O George Larkin faz uma pontinha... O Kenneth está horrivel. Henry Kolker é o chefe dos bandidos. Manda em todo o mundo. Commuta sentenças. Arranja e desarranja empregos. E' reformado pela estrella do cabaret mais mambembe do mundo. Film de dar com páo! Nossa Senhora da Penha!!! Mamãe!!! Uff!!!

Outra estréa que se deu, foi a do film "A Margem do Rio Tonto" (Under the Tonto Rim) — Paramount. Não o vi, ainda, porque só foi exhibido um dia.

"O Moderno Americano", da Rayart, titulo original desconhecido (o que é parte essencial da propaganda do Programma Matarazzo). Mas esse moderno americano que Reed Howes apresenta, ao lado, ainda por cima, da horrenda Nita Martan, é mais velho do que os films yankees, mesmo. Douglas Fairbanks, na Triangle, já fez americanos melhores do que este que agora quer ser "moderno". Mas não vem ao caso o titulo. O film é mais uma historia maritima. Mas vocês, se fôr complemento de programma, não se aborrecerão. Tem pancadaria que não acaba mais e, afinal de contas, Reed Howes é mesmo um rapagão sympathico. As lutas são algumas bôas. J. P. Mac Gowan é o capitão famigerado. Rosa Gore é o agouro. Ha uma collecção formidavel de caras feias. As scenas no mar são bôas e ha, mesmo, certa logica na futilidade do argumento. Aquella historia do contrabando de munições está mais ou menos bem arranjada. E' desses films que a gente não deve fazer esforço para vêr, mas se fôr exhibido como complemento...

"Justiça de Amor" (Hangman's House), da Fox e "Diga que sim, sim?" (The Fifty Fifty Girl), da Paramount, com Bebe Daniels, são aquillo mesmo que o P. V. disse. "Justiça de Amor" é o segundo documento de John Ford como director que está ficando peroba... Estes films fecharam a semana no Sant'Anna.

"Pé de Vento" (Hot Heels), da Universal, com Glenn Tryon, fechou a semana no Republica. E' uma comedia bastante gozada mas que tem um final que a estraga grandemente. O principio do film é typicamente de Glenn Tryon. Elle faz cousas do outro mundo. Beija ousadamente a Patsy. Está ficando mais mal comportado do que o William Haines. Mas é um rapaz que a gente não cansa de vêr. Transpira mocidade e é, mesmo, uma cara nova no Cinema. Elle faz comedia de outra maneira. Só aquella dansa de apache com a Patsy, vale a fita e todo o sacrificio que se faça para vel-a. Eu ri escandalosamente. E ella leva cada beijo... Mas a cousa começa a decahir e a nos fazer ficar com raiva do scenario de Harry O'Hoyt, depois que Gino Corrado diz ao Glenn que o "theatro" se incendiára. Então elles querem metter sentimentalismo, drama, ha mais uma das milhares de corridas de cavallos, em films, e elle vence e salva a sua situação difficil e casa com Patsy. E um sujeito esperto como Glenn, que trazia telephones especiaes para caixeiros viajantes, não iria cahir tão facilmente naquelle "conto"... Emfim... podia ter sido peior... Podiam ter feito Glenn Tryon cahir numa escola de Cinema paulistana...

Mas vão vêr. Não o percam. Em absoluto. Um montão de gargalhadas. Repito: só aquella dansa apache...

"Ninguem me ama", da Sterling, importada pela Paramount e "Amigo ou Amiga?", Matarazzo, foram dois films estreados que não vi. Mas ainda os verei. Especialmente o segundo.

E assim terminou esta semana fraquissima. Mas a proxima não está promettendo muito. Só a de 8 a 14 de Outubro. Essa está bôa. Teremos, a 11, a inauguração do Odeon. "O Principe Estudante", no Alhambra. "Ramona", no Republica. Nem sei como é que "Ramona" não vae dia 11... Ainda outro dia, no annuncio do "Estado", dizia a réclame do Sant' Anna: "são fitões que exhibimos, não dessas fitinhas que os realejos dos cégos annunciam...". Francamente, é ridiculo. A gente

(Termina no fim do numero)

PAULO PORTANOVA E CHARLIE MURRAY EM "DO YOUR DUTY" DA FIRST NATIONAL. PAULO COMO SE SABE, E' BRASILEIRO

CORCEL ARABE

(FIM)

opprimida. Porque não haveria de enxugar esses olhos que choravam? E, hesitante, ainda, sem saber que resolução tomar, o jovem Arabe, viu, perplexo, que uma formosa rapariga surgira aterrorisada á sua frente:

— "Em nome de Allah! salve-me das garras do sheik Metaab!"

A solução era facil. Ali estava Simoun, com o seu olhar quasi humano, que parecia convidal-os á luminosa cavalgada da liberdade! E momentos depois, crinas ao vento, o animal reconhecido, transportando para fóra da cidade os dois jovens fugitivos, cortava as ruas como um metéoro, estrellejando com os cascos as pedras do caminho.

A serena quietude do acampamento de Trad Ben Zaban era, horas depois, quebrada pelo resfolegar heroico de um cavallo que levantava na estrada uma flammula de poeira. De todas as tendas surgiam figuras curiosas para assistir á estrepitosa chegada. Quando Jaafar foi reconhecido uma grande alegria irradiou em todos os semblantes. Em pouco toda a tribu admirava a belleza de Thirya e a nobreza de Simoun, que Jaafar, em phrases quentes, exaltava, relatando aos companheiros os episodios emocionantes do emocionante capitulo que acabára de viver.

A Felicidade parecia já sorrir, com sorriso luminoso e ardente, aos dois jovens enamorados.

Mas não disse um escriptor celebre que é nas proximidades da tempestade que melhor se goza o deslumbramento dos dias de verão? A belleza radiosa da encantadora bailarina acceridera o desejo de Auda, o Cruel, sub-sheik do acampamento, que, com uma chamma alarmante nos olhos maus, declarou que não deviam ser esquecidas as leis do deserto, em virtude das quaes a Jaafar caberia apenas metade daquelle estranho saque, devendo a outra metade ser concedida á tribu inteira. Lançou Jaafar um olhar ao Pae, capaz de commover as mais duras pedras. O velho sheik, porém, com o seu ar austero, deixou cahir as palavras como punhaes lentos e agudos:

— "Meu filho é muito joven para resolver tão importante questão. Resolverei por elle."

E, impassivel e cruel, declarou á turba inquieta que escolhia o cavallo. Em vão o pobre namorado procurava rebellar-se áquella injustiça, declarando ao velho sheik que amava aquéllá encantadora rapariga.

A vontade de Trad Ben Zaban seria cumprida. Thirya foi, então, posta em leilão. Auda, aguçado pelo desejo, offereceu a maior quantia, ordenando aos escravos que transportassem a bailarina para a sua tenda e servissem muito vinho. Convidando todos os homens da tribu a participar daquelle alegre festim, entregou se de tal maneira aos prazeres do alcool, que em breve, não se sabia mais onde acabavá o homem e começava a féra.

Emquanto estas scenas orgiacas se desenrolavam, Jaafar, sem perda de tempo, dirigiu se, occultamente,á tenda deAuda, onde a pobre Thirya. desesperada, ia já lançar mão do suicidio, como unica solução de uma situação aterrorisadora. Simoun ali estava, como uma insinuação, como um aviso de Deus, e os dois jovens partiram a todo o galope, por aquellas areias interminaveis e mysteriosas, que no horizonte pareciam communicar se com o céo morno e oriental. No acampamento, porém, já a ausencia dos dois namorados se fizera notar e puzera chammas de odio e indignação nos olhos de Auda, avermelhados pelo alcool.

Com a voz trovejante e o gesto tempestuoso promettia elle uma forte quantia a quem lhe trouxesse a cabeça de Jaafar.

Longe, no deserto, os dois namorados proseguiam na sua carreira vertiginosa. Mas eis que uma terrivel témpestadé se approxima e, em breve, vagalhões impetuosos de vento é areia envolviam seus pobres corpos, arrancando os do dorso do cavallo e atirando os, enlaçados, aquelle sólo escaldante e movediço. Jaafar, num impulso generoso de seu nobre coração, forçou Thirya a regressar ao acampamento, montada em Simoun.

Acossada pela tempestade a pobre moçá foi varias vezes derrubada do cavallo; o animál, porem, com surprehendente dédicação e intelligencia, conseguiu, por meios ineditos, salvar a rapariga de uma morte impressionante e violenta.

Os companheiros de Auda, em busca pelo deserto, encontraram finalmenté o infeliz Jaafar, que, conduzido ao acampamento, ia ser decapitado quando, estrondosamente, o terrivel signal de guerra dos Wahabis se fez ouvir. Thirya, por um esforço de sua vontade moça, conseguindo vencer o abatimento em que se encontrava, e vendo o desesperado combate que se travava em volta della, correu ao campo dos Rouallah, no dorso altivo do fiel Simoun, em demanda de soccorro para o seu amado Jaafar.

Mas Deus soccorre os amantes: o corajoso impulso da nobre rapariga não resultára vão: em breve o soccorro desejado chegava, Jaafar era libertado e o detestavel Auda morto. Nada mais se interpunha á felicidade dos dois jovens. E, sob o céo do Oriente, que começava então a se encher de pequeninos pontos luminosos, partiram os dois namorados, seguidos sempre pelo fiel Simoun, por aquellas areias implacavelmente brancas, á conquista da Felicidade...

L. L. C. (Especial para *CINEARTE*)

CINEMA BRASILEIRO

(Fim do numero anterior)

Por nosso intermedio ainda, e de commum accordo, temos estudado o meio de pôr em pratica o seu plano.

Fomos nós que lhe fizemos a apresentação da estrella do film, que na sala de projecção da empresa, poude emfim assistir a exhibição do seu trabalho.

Al. Szekler tambem se preoccupou pessoalmente com a "edição" do film, tendo conseguido modificações para melhor, realmente.

Sobre os planos de apresentação de "Braza Dormida", falaremos opportunamente, adiantando apenas que os "fans" de Nita Ney e Luiz Sorôa, da Capital, terão occasião de os ver pessoalmente e por uma forma bastante interessante. Entretanto, é preciso que a Phebo Brasil Film cuide mais da publicidade dos seus artistas, pélo menos agora que se approxima a sua éstrea.

São precisas algumas pôses de Maximo Serrano, o mais natural e ate agora, a maior revelação cinematographica do anno; de Pedro Fantol, o villão, de Rosendo Franco, o comico de Nita Ney e Luiz Sorôa o par amoroso do film...

DETECTIVES

(FIM)

No meio do caminho occorre um accidente de que Orloff sáe mortalmente ferido.

Ainda assim, conseguem leval-o até a presença da senhora Winter. Ahi, põem tudo ás claras, entregando as joias e recebendo o premio, com grande desapontamento do detective Dane.

O. P.

(Especial para "Cinearte").

BELLA CRIMINOSA

(FIM)

para o pavimento superior. Foi quando chegou o homem do collar. Julgando estar a tratar com gente honesta, todo elle era contumelias... O collar andou de mão e mão, quando entremente, um dos ladrões o trocou por outro de imitação perfeita. "Representaram" o melhor que podiam todos os da quadrilha e quando devolveram o collar com o pretexto de que o seu preço era "superior aos seus recursos", o technico viu logo que fôra ludibriado!...

Impõe que lhe entreguem ali immediatamente o collar authentico. Gritara por soccorro que o obrigarem a isso... Danny, ouvindo gritos, desce á sala onde o conflicto se travou. O homem pede que prenda todos os bandidos. Anne, valendo-se do amor que Danny tem por ella, vale-se dessa fraqueza e implora para que Danny prenda o queixoso! Danny não acredita que a

sua amada pertença ao bando e leva, aos arrastões, o pobre do intermediario do collar!

Chegados á rua, o homem chora e jura a Danny que elle é que é o roubado. Mas, Danny, que se lembra de que realmente "não é policia", como ficha de consolação aconselha o sujeito a fugir... Que elle não está para ir, nesse momento, á Prefeitura e... foje! Consegue libertar-se da victima. Esta, por seu turno, julga que esse policia é um agente dos bandidos e vae queixar-se ao chefe da policia do bairro, emquanto Danny se mette subrepticiamente em casa a tempo de Pat, não sabendo de nada, almoça tranquillamente com o irmão, que não pode estar tranquillo, tantas são as culpas que elle "tem no cartorio"...

O homem do collar queixa-se e diz que esse policia tinha o numero 123. Esse numero pertence a Pat Regan. O chefe manda-o chamar. Estabelece uma grande confusão... Danny, que quer salvar o irmão da cilada que elle proprio inconscientemente armou, vae a casa onde lhe indicam estar Anne. Ella vê-o, á paisana, e entrega-se-lhe á prisão! Isto é precisamente quando elle increpa Anne. Dois da quadrilha entram inopinadamente e ferem Danny. Fogem. Anne chama para a policia mandar o agente 123, á esclarecer o crime.

Pat corre a ver seu irmão ferido. Levam-no para o hospital. Mas, o amor de Anne pelo rapaz é tão sincero, que é ella propria que entrega a Pat o collar verdadeiro. Anne tem de ser presa como cumplice. Pat tenta o possivel para que seu nome fique limpo de macula. Danny sae do hospital completamente curado. Curado? Não. Elle sahiu de lá direitinho a matricular se no Corpo de Segurança da Cidade de Nova York. Não lhe foi preciso fazer concurso. Approvaram no como a seguinte nota: "Este candidato tem a especialidade de estar sempre presente quando os crimes se praticam!..."

SIMÕES COELHO

Um pequeno film de Luis Sorôa

(FIM)

apenas uma contribuição para fazer triumphar a filmagem do meu paiz".

No entanto, Sorôa talvez seja um idolo...

A publicidade já o popularisou bastante, e a sua sinceridade fará o resto.

Já recebe dezenas de cartas por semana, e responde a todas...

Pessoalmente Luiz Sorôa é um bom rapaz. A' primeira vista, parece ser orgulhoso, lembrando pelos seus trajes, pelos seus modos, aquelle William Haines do "Convencido", e como elle, gosta de pregar partida nos outros, de contar anecdotas e de ouvil-as. Depois que Sorôa viu o "Inventor das Arabias", não offereceu charutos explosivos aos velhos de Cataguazes, porque lá não existe, mas não duvidamos que tenha feito a magica do relogio com algum...

Apezar de tudo, Sorôa é querido em Cataguazes. Uma noite, num baile do Club local, perguntei ás moças qual o galã que ellas mais admiravam.

Prometti que não diria nada... E foi Luiz Sorôa quem venceu.

Ninguem precisa ser William Baeckwell para descobrir as bôas qualidades do heroe de "Braza Dormida".

O contracto que o elevou a estrella, não mudou a sua personalidade. Elle é sempre o mesmo.

Em "Braza", vocês o verão triste, revendo nas paginas do seu "Diario", as recordações de um idyllio, um doce e suave colloquio amoroso, ao som de uma victrôla, tocando baixinho "Always"...

Tambem eu o vi uma noite, sentado sozinho a um banco, tendo nas mãos o retrato de algum, e nos olhos o brilho de uma lagrima que não cae...

Nem sempre os heroes dos films, terminam feliz a sua historia de amôr na vida real...

Talvez a sua juventude ainda o faça esquecer, e quem sabe se alguma cartinha perfumada de uma das suas admiradoras, loura como uma boneca, ou morena como ella, de olhos grandes, langurosos como os della, não venha um dia occupar em seu coração, aquelle logar que hoje não é sénão um culto constante, onde em todos os momentos de concentração, repete sempre e sempre, todas as preces de sua felicidade, na felicidade perdida das suas recordações...

E é este o pequeno film de Luiz Sorôa, genero de "Elegia"...

MARY PHILBIN, ANNUNCIOU O SEU NOIVADO COM PAUL KOHNER, DA ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSAL.

Sorôa é o que se chama um bom rapaz. Bom companheiro, eu gosto de Luiz Sorôa.

Chronica

(F I M)

As emprezas productoras que entre nós exploram directamente os proprios films é que naturalmente abrirão o caminho.

A experiencia aconselharia o procedimento das demais.

Até lá, esperemos.

DE SÃO PAULO

(F I M)

póde mostrar a belleza do que temos sem estarmos a apredejar as vidraças do vizinho. Todos têm direito de viver. Essa reclame é reprovavel. Mas é tão frequente...

Eu estive na matinée do Republica, domingo 30 de Setembro. Muitas moças lindas. Mas quasi todas com os respectivos. Elles, geralmente, a nata da rapaziada de São Paulo. Distinctos. Alguns de distincção exaggerada. Mas em geral sympathicos. Bigodinhos. E as pequenas, lendo aquelle avizo no palco "E' prohibido guardar logares na platéa com bengalas, chapéos, etc. A Gerencia", nem ligavam. Guardavam do mesmo geito. Quando termina a primeira parte, ellas estão com o coração cheio de palavras bonitas e de illusões mais bonitas ainda. E a gente sente-se bem nesse ambiente de corações de meninas, quazi, que se deixam acalentar pelo ardor impetuoso dos moços namorados. A's vezes esses idyllios em matinées acabam no altar. Outras vezes não. Mas sempre elles existem. E' o chá das pequenas e dos pequenos... Lá nas primeiras fileiras eu fui sentar. Só creanças. Barulho ensurdecedor. Mas que alegria, que enthusiasmo a gente sente por uma luta, no film, quando a gurizada está torcendo desesperadamente aqui? E' admiravel! E, como a gerencia, distribuindo uma revista cuidadosamente embrulhada, fornecesse inconscientemente as armas, cada vez que as luzes se ascendiam, era um tal de pancadaria na cabeça uns dos outros que a gente ficava até tonto! Ainda bem que não se distribuem "Illustrações Brasileiras!...

A borboleta dourada

(F I M)

minou, depois que elle proprio se sentiu esfalfado em querer acompanhar aquella deliciosa figurinha nos seus passos de dansa, ficou evidente que se tratava de uma verdadeira artista por temperamento, uma grande revelação.

E a estréa de Liliane se fez, com um successo jamais igualado pela apparição de qualquer outra estrella de "Varietés". Londres toda corria a vel-a, e o Colyseum enchia-se. Ella se via cercada de todo um mundo que a cortejava. Entretanto ella só tinha um pensamento... Willian! E foi por isso que, naquella noite, após o seu triumpho immenso, como quizessem ir cear ao Savoya, o restaurante de maior voga, ella propoz irem ao Restaurante McFarland. E logo o restaurante encheu-se, com grande espanto do tio Bill e de John e do proprio William, e dessa noite em diante ficou "lançado" o pequeno centro elegante.

William, entretanto, cheio de ciumes, não podia ver aquella roda que cercava Liliane, e muito menos o conde d'Aberdens, e por isso, uma noite, como quizessem elles dansar, expulsou-os a todos—literalmente falando—do restaurante, levado por um excesso de zelo lamentavel. E Liliane, dorida e offendida, levada pelo despeito, naquella noite concedeu ao jovem titular a sua mão de esposa, que elle lhe pedia todos os dias. E, entre risos e champagne afogou a sua dor...

Naquella noite, em que ella pisou o palco com o soffrimento n'alma era entretanto a de estréa de uma nova revista — "A Borboleta dourada". — que seria mais um triumpho a accrescentar á corôa de louros que ella possuia.. Mas quiz o Fado que não se transformasse em noite de triumphos... Uma scena adoravel... Liliane, como uma "borboleta coberta de pollen de ouro" surge e baila, e se approxima de uma enorme teia de aranha, imitação perfeita, tecida de corda, e tomando toda a altura do palco. No centro, a aranha espreita e espera a presa que mal se chegar á teia se sente presa. Logo a aranha desce, e a carrega... Scena estupenda, que o publico applaude, para logo um grito de horror se escapar de todos as boccas! Quando se achavam lá, no alto, o artista que fazia a aranha deixou escapar a sua "presa", e o corpo de Liliane rola até cahir em pleno palco!

E depois? Pobre "Borboleta Dourada", tinha as azas quebradas, as "azas" que a elevavam á gloria! Luxára um pé, de tal modo que não poderia dançar mais. Ella, que já tinha pedido perdão ao conde d'Aberdens, contando-lhe o seu amor por William, e pedindo que elle lhe devolvesse a palavra de casamento, via-se agora novamente assediada por elle, que a queria quando todos a abandonavam, mesmo William. E a viu chorar e soffrer, por que continuava a amar o seu companheiro de infancia.

Naquella tarde o conde foi visitar o dono do restaurante McFarland, que o recebeu mal, como quem tem em sua frente um rival. E essa rivalidade os levou é injuria e á luta. Foi nesse momento que surgiu Liliane, chamada ás pressas pelo velho tio Bill. E ella viu William se apoderar de um revolver que o conde tirára do bolso... Um tiro... E o corpo do conde rola pelo chão, emquanto Liliane corre a abraçar-se a William, aterrada pelo pavor de que poderia ter sido elle a victima. E ella o beija, na ansia de vel-o salvo, e quer que elle fuja para não ser agarrado...

Foi então que viram levantar-se o conde. Elle organizára aquillo tudo. Uma pequena comedia em que tivera o auxilio do tio Bill, unico meio de fazer approximar novamente os dois namorados. Elle se sacrificava em seu amor, por comprehender o amor na sua verdadeira accepção: — a felicidade do ente amado. O revolver estava descarregado...

E foi só assim que William comprehendeu a verdade de haver só uma imagem no coração de Liliane: — a sua.

PAULO LAVRADOR.

Jacqueline Gadsdon mudou o seu nome para Jane Daly. Muito bem!

Corliss Palmer, Sally O'Neill e Roland Drew figuram em "Applause" da T. S.

O SACRIFICIO

(FIM)

mar, e naufragou, sem que houvesse tempo de recebei soccorros. E, de todas as personagens deste drama, os botes salva-vidas só recolheram, com o conhecimento das autoridades, Lord Vane e a pobre Dot.

Uma pessôa, todavia, se viu morrer, tragada pelas aguas; Mme. Gordon, que assim parecia receber o castigo de ter sacrificado a filha.

Dot foi levada para Londres, onde esteve durante muito tempo entre a vida e a morte. Roberto, o homem por ella amado, fez o milagre de salval-a, e, como a suppuzesse viuva, procurou tambem tornal-a feliz, casando-se com ella.

Mas eis que, de subito, reapparece Marshe'

Atirado, pelas ondas, a uma praia longinqua da Inglaterra, o millionario havia perdido a memoria, em consequencia do naufragio, e ignorava quem era. A clinica londrina achou o caso digno de estudo e dispensou-lhe todas as attenções. E Roberto, a esse tempo já cirurgião de grande nome, foi o escolhido para operar o doente.

Dot temeu então pela sua felicidade. Ella era já mãe de uma linda menina, filha de Roberto. Ignorando a sua identidade, Marshe nada lhe poderia fazer; mas que seria, se a memoria lhe voltasse? Que desgraça, se elle quizesse fazer valer os seus direitos de marido!

Numa resolução desesperada, Dot poz Robert ao corrente do que se passava e supplicou-lhe que não operasse Marshe. O marido, não a quiz ouvir. Digno, como era, cumpriu o seu dever: fez a operação — e a memoria voltou ao cerebro do millionario.

Mas, então, outro homem se viu nelle! O passado, cheio de desgraças e de miserias, appareceu-lhe negro, como, em verdade, era! O dinheiro não lhe déra venturas e fôra a causa da infelicidade de outros! Orgias, sim, tivera muitas! Mas podia alguem considerar-se feliz só com isso?...

Marshe comprehendeu os receios e o tormento de Dot. E, não querendo mais tolher a felicidade de ninguem, resolveu tambem sacrificar-se. Fingiu não ter readquirido a memoria; jurou que nenhum exito havia tido a opeção, e, despedindo-se serenamente de Dot e de Roberto, retirou-se para nunca mais tornar a apparecer.

A VOZ DE HOLLYWOOD

(FIM)

dos artistas a possuem — os homens mais do que as mulheres.

E' escusado dizer que ha muita gente — directores, estrellas e outros — que se recusam a olhar com sympathia a novidade da voz no Cinema. Colleen Moore declara emphaticamente que não fará films dialogados. Adolphe Menjou não conta com o exito dos films falados, dado o pouco interesse que elles despertam na Europa. Ronald Colman, que é elle proprio um actor de theatro, acha que o grande encanto do Cinema é justamente a ausencia da linguagem. Clara Bow confessa que a idéa não a attrae. Diz que receia vêr com isso destruida a illusão da sua personalidade na téla O publico póde esperar um timbre de voz que ella não possue. E' um receio vão porque Clara dispõe de uma voz bem modulada, e não estará longe o dia em que ella se resolva a falar deante do microphone.

Entre os directores que fazem opposição ao Cinema falado, podemos citar Monta Bell e Hebert Brenon, este ultimo autor de "Beau Geste" e "Lagrimas de Homem".

"A minha principal objecção, diz Brenon, contra o Cinema falado, é que a sua generalização aos films de longa extensão — e é a isso que

CONSTANCE TALMADGE E LUPE VELEZ.

seremos conduzidos — porá o Cinema em concurrencia directa com o theatro. Quando isso acontecer os films não terão muita vida. Para produzir um longo film falado, por exemplo, será preciso — devido ao muito tempo e metragem de pellicula para fazel-o falar — omittir ou pelo menos abreviar aquillo que justamente distingue a arte do gesto da arte do palco. Ora, com isso nós destruimos as bellezas scenicas, as imagens suggestivas, a finura da acção ou do gesto interpretativo e, mais do que tudo, a poderosa significação do detalhe photographico.

"Eu penso que o Cinema falado é no momento uma novidade, que o publico está pagando para vêr e ouvir, mas creio que essa mesma gente, uma vez ouvida e vista a coisa, preferirá o drama silencioso.

"Não me refiro aqui a jornal cinematographico falado, nem aos "sketches" de vaudeville, representações musicaes é coisas semelhantes. Ao contrario, creio que esses generos são eminentemente adequados á innovação, como diversões ligeiras. Póde-se tambem fazer o film musical, que será uma forma do exhibidor corresponder á concurrencia do radio.

"Todavia estou convencido de que como unica fórma de arte dramatica o Cinema deveria manter-se pegado ao seu eloquente silencio. Assim o deseja o publico do Cinema — preferindo a sua belleza penumbrosa, que estimula a imaginação, que povôa de sonhos o espirito, em vez de uma imperfeita realidade. O publico não quer vêr as suas illusões pessoaes demolidas por essa realidade, sob a fórma de bater de portas, do tilintar de telephones, do rumor fragoroso dos bondes, de todos os barulhos e vozes, emfim, desse mundo ao qual elle procura fugir de vez em quando.

"Ha um sentido muito mais profundo do que parece nas reclames dos exhibidores que se referem ao estabelecimento cinematographico como a "cathedral da téla". Realmente, nos seus mais bellos aspectos, o Cinema é consagrado a essas ansias de espiritualidade, profundas e indefiniveis que se agitam na alma de todos nós, e nós deveriamos tér o cuidado de não relegar as tradições que levamos vinte e cinco annos ou mais a formar os ideaes para que temos avançado com firmeza. O film falado aqui está e viverá, sem duvida, nas suas varias e apropriadas formas. Mas eu, por mim, não creio em que elle pertença ao campo dramatico do film".

"Cinearte" continuará a tratar deste assumpto da moda que já revolucionou todos os meios cinematographicos.

A FILHA DO CZAR

(FIM)

ram parte como algozes! Oh! elle tem todos bem nitidos na sua retina. E' só ter paciencia, que na multidão dos "extras" encontrará as semelhanças physicas indispensaveis.

Eil-o a percorrer as secções masculinas. Manda separar os homens que com mais barba ou menos bigodes podem representar os typos de cossacos, de mujik ou revolucionarios! De repente, um dos "extras" parece-se tanto com o Czar, que manda por-lhe á disposição tudo que complete a figura historica.

Mas — e ahi é que está a sua grande difficuldade! — onde é que elle vae encontrar uma mulher que possua as attitudes nobres e requintadas da Princeza Anastacia? Onde estará a filha do Czar? Que será feito della? Terá sido reconhecida e finalmente morta? Victor Trent estava conjecturando milhares de idéas e pensamentos, quando, fazendo passar á sua frente, centenas de milhares, olhou, por acaso, para um canto e viu uma creatura que positivamente o assombrou! Mas... era Ella! Ella? Como? Ali? Dirigiu-se-lhe. Audaciosamente falou-lhe russo. Era Ella, a Princeza Anastacia! Reconheceram-se mutuamente. E a Princeza descreveu-lhe o que tinha sido a sua vida nos ultimos annos! Correra o mundo e fôra victima das perseguições mais odiosas! Passou privações. E tambem fôra ali parar, a Hollywood, como uma creatura vulgar, para tratar vulgarmente da sua propria vida! Não conhecia ninguem! Talvez — quem sabe?! — pudesse entre os "extras" conseguir uma participação n'algum film de assumpto russo agora tanto em voga! Por isso, para ella e para elle fôra um encontro providencial!

Victor leva-a para o "Studio", gritando a sua alegria enorme de ter conseguido uma "extra" para fazer a parte da "Princeza Anastacia". Duvidaram que essa mulher pudesse interpretar uma figura tão excepcional! Victor, sem nada dizer do que se passava, affirmava que "ninguem melhor" do que aquella mulher interpretaria "A Filha do Czar"... pois que possuia todos os predicados physicos e moraes para representar "ao vivo" a infeliz representante da familia dos Romanoff!...

Victor e Anastacia fazem entre si um "complot" para occultarem a verdade. Elle cerca a de todas as attenções, o que causa inveja em todas as "estrellas" cinematographicas que têm sido suas collaboradoras. Mas, se Victor a cumula de gentilezas pela sua gerarchia, sente se, aos poucos, apaixonado pela sua bondade e desprendimento.

Chegam á reconstituição da scena, "vivida" pela Princeza e pelo antigo Official do Imperador! Teem de repetir para a "camera" o episodio tragico do assassinio em massa da Familia Imperial! Quando a Princeza se apresta para filmar, é tal a verdade do quadro, que ella vê novamente os horrores de annos antes! Sente uma vertigem! Victor ampara-a. Mas quando Victor, fardado de official, lhe aponta o revolver, obedecendo rigorosamente á verdade historica, uma capsula deflagrou incontinenti e feriu a pobre Princeza! Victor Trent dá por isso quando o quadro foi filmado. A Princeza continua immovel no chão! Victor corre a ver o que se passou. Ella está ferida em pleno peito! Que desgraça! Levam na para o hospital. Elle quer vel a; os medicos não consentem!

Victor Trent julga que matára o seu amor, quando, se ella tivesse mil vidas, mil vidas lhe pouparia. Agora, que a amava!

E o film: "A Filha do Czar" termina de maneira empolgante, de maneira que impressiona fortemente, não havendo o direito de antecipar o desenlace deste drama de amor intensissimo de verdade.

Ver esta obra prima da Cinematographia moderna é volver os olhos para a maior tragedia dos nossos tempos. Cabe agora perguntar, se realmente a Princeza Anastacia viverá ainda?...

PAULO LAVRADOR

OLÁ CHEYENNE!

(FIM)

de um poste que conduzia á cidade. Diana vae fazer em pessôa a ligação quando é vista por Overland. Com este está um hypnotisador que tenta dominar magneticamente a moça.

Tom chega a tempo de vêr tudo isto, mais uma vez salvando a filha do seu chefe, e indo com ella para a cidade.

Elle sóbe, na cidade, ao poste que melhor serve á publicidade de sua victoria, toma o receptor e pede:

— Hello Cheyenne!

Ha um momento de grande silencio. Vem depois a resposta ansiosamente esperada.

Elle então desce, com a maior calma, e annuncia a victoria de seu partido.

Cody, restaurado e enriquecido, reconhece que deve a sua immensa fortuna a Tom.

Diana, que já não se contem, cáe nos braços do vencedor, que não é dagora que ella ama.

O. P.

(Especial para "Cinearte").

Finis Fox já começou o scenario de "Evangeline", o proximo film de Dolores Del Rio-Edwin Carewe.

卍

Alguns exteriores do film de Reginald Denny "Redskino" serão coloridos.

Un Air Embaumé
RIGAUD. 16. Rue de la Paix. PARIS

Para obter uma transformação no seu estado geral, augmento de appetite, digestão facil, côr rosada, rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, resistencia á fadiga e respiração facil, basta usar alguns vidros de Elixir de Inhame. Tornar-se-a florescente, mais gordo, sentindo uma sensação de bem estar muito notavel: O Elixir de Inhame é o unico depurativo-tonico em cuja formula, tri-iodada, entram o arsenico e o hydrargirio e é tão saboroso como qualquer licôr de mesa — depura — fortalece — engorda.

卍

Em "Four Feathers" da Paramount, figuram Fay Wray, Richard Arlen, Arnold Kent e Noble Johson.

TEVE SUAS EDIÇÕES ESGOTADAS EM 5 ANNOS SEGUIDOS POR SER A MAIS ARTISTICA E LUXUOSA PUBLICAÇÃO ANNUAL CINEMATOGRAPHICA DO BRASIL.

FAÇA DESDE JA' O PEDIDO DO SEU EXEMPLAR, ENVIANDO-NOS 9$000 EM CARTA REGISTRADA, VALE POSTAL, CHEQUE OU SELLOS DO CORREIO.

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"
RUA DO OUVIDOR, 164 — RIO

Nas proximdades do Natal sahirá o CINE-ARTE ALBUM com luxuosas trichromias e os mais interessantes assumptos cinematographicos.

BIOTONICO FONTOURA

PARA COMBATER:

ANEMIA, FRAQUEZA MUSCULAR, FRAQUEZA
NERVOSA, SEXUAL E PULMONAR,
NEURASTHENIA,
DEPRESSÃO DE SYSTEMA
NERVOSO, RACHITISMO,
DEBILIDADE GERAL
E' INDICADO O

BIOTONICO FONTOURA

PORQUE O BIOTONICO

REGENERA O SANGUE determinando o augmento dos globulos sanguineos.

TONIFICA OS MUSCULOS fornecendo ao organismo maior resistencia.

FORTALECE OS NERVOS corrigindo as alterações do systema nervoso.

LEVANTA AS FORÇAS combatendo a [illegible] e a fraqueza organica.

MELHORA A DIGESTÃO auxiliando o funccionamento dos orgãos digestivos.

PRODUZ ENERGIA, FORÇA e VIGOR que são os attributos da SAUDE.

O mais completo Fortificante

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO